Leñdas de Exu

Adilson Martins



Copyrighted material



Copyrighted material

Como nos explica Adilson Martins, os orixás são entidades do panteão africano intimamente ligadas aos fenômenos e manifestações da natureza. Representam as forças vivas, sejam estas animais ou plantas, e a grandiosidade dos fenômenos da natureza, como o vento, os raios, as águas, as montanhas e as rochas. A força dos orixás também está presente em cada um de nós, seres humanos, que somos partícula dos orixás, portanto, sagrados como eles.

No Brasil, temos os dezesseis orixás mais conhecidos e constantemente cultuados e festejados pelas tradições afro-brasileiras (como Exu, Ogun, Oxóssi, Oxun, Iemanjá e Oxalá, entre outros) muitas vezes sincretizados com os santos católicos. Isto é resultado de dois movimentos: o primeiro, dos escravos na tentativa de manter o culto a seus deuses, buscando pontos de convergência entre a trajetória dos santos e a simbologia dos orixás. Assim, temos Iansã sincretizada com Santa Bárbara, Ogun com São Jorge e assim por diante.

Por outro lado, o sincretismo também foi utilizado pelos missionários catequisadores como estratégia de neutralizar os deuses africanos, impondo o cristianismo. Seguindo essa estratégia, Exu, o orixá mensageiro, responsável pela comunicação entre os homens e os deuses, foi o que mais sofreu com uma

Copyrighted materia

Leïdas de Exu



Adilson Martins

Copyrighted material



Copyrighted material

Leñdas de Exú

Adilsoñ Martiñs

Rio de Janeiro
2005

Pallas



Copyrighted material

© 2005 Adilson Martins

Editor
Cristina Fernandes Warth

Produção Editorial
Bruno Cruz
Mariana Warth
Silvia Rebello

Revisão
Denise Scofano Moura
Silvia Rebello
Vanessa Salustiano

Capa e concepção gráfica
Anuska Design

Ilustrações
Adilson Martins

Todos os direitos reservados à Pallas Editora e Distribuidora Ltda.
Não é permitida a reprodução por qualquer meio mecânico, eletrônico, xerográfico etc. de parte ou da totalidade do conteúdo e das imagens contidas neste impresso sem a prévia autorização por escrito da editora.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A183l Martins, Adilson.
Lendas de Exu / [texto e ilustrações]
Rio de Janeiro: Pallas, 2005.
il.;
Inclui bibliografia
ISBN 85-347-0384-1

1. Exu (Orixá) – Lendas. 2. Orixás – Lendas.
3. Candomblé – Lendas. 4. Umbanda – Lendas. I. Título.

05-1407

CDD 299.63
CDU 299.6

Pallas Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Frederico de Albuquerque, 56 - Higienópolis
21050-840 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: [21] 2270-0186
pallas@pallaseditora.com.br
www.pallaseditora.com.br



Copyrighted material

Dedicatória

Dedico este trabalho a Oxun, doce mãe, que tanto me protege e ampara e, em seu nome, aos seus filhos que com tanta dignidade e amor a representam:
Doné Lurdes de Ominibú,
Ialorixá Nitinha da Oxun,
Doté Zezinho da Boa Viagem.
Que me abençoem em nome de Oxun!

This One
QE70-ORG-AW4C
Copyrighted material

Agradecimentos

Este trabalho não poderia ser realizado sem a colaboração de inúmeros amigos aos quais, em público, devo expressar a minha mais profunda gratidão.

Agradeço, portanto, aos meus alunos do CECAA pelo estímulo emprestado.

Ao meu irmão em Ifá, Marcelo Gastão de Oliveira, pelo material literário fornecido.

À Vilma Costa e a Wilson Aguiar pelas primeiras revisões e sugestões sempre úteis.

Ao Professor José Flávio Pessoa de Barros e à sua esposa Lucinha, pelo incentivo.

Ao Mestre Raul Lody, pela força e pelo alto astral.

A todos aqueles que, no passar do tempo, me contaram histórias de Exu.

E, em especial, à minha mulher, Lúcia, Apetebí Ogbeyonu, pela dedicação de toda uma vida.

Copyrighted material

Prefácio
opópo Sòro /Falas da rua

Exu, orixá, é o primeiro porque inaugura e está em tudo; na natureza e no próprio corpo do homem. Por isso falar do orixá é também falar do universo, dos elementos que se relacionam nos imaginários do cotidiano e dos demais rituais sociais.

Exu possibilita e faz com que a palavra, o gesto, o sentimento alcancem seus destinos no *ayê* e no *orun*. O livro *Lendas de Exu*, de Adilson Martins, faz com que o leitor possa conhecer mais e viver nos textos aspectos que trazem tradições orais, dando à narrativa uma ordem simbólica que é também homenagem a esse ser tão querido e temido.

Os aspectos cômico, sexual, trágico, de ancião e tudo o mais que integra a presença de Exu reforçam seu sentido de divindade, fazendo com que ganhe intimidade na tradição afro-brasileira, além de afeto e de reconhecimento como companheiro dos defeitos e das virtudes humanas.

Assim, o livro *Lendas de Exu* oferece ao grande público um ampliado contato com a mitologia e com a sociologia da fé.

O livro interessa a todos que buscam informações sobre o universo afrodescendente, relacionando cada lenda às experiências pessoais de quem acredita, gosta ou é simplesmente um curioso.

Raul Lody
Antropólogo

Copyrighted material



"...Ah! Esse Exu! Laroiê!" Raul Lody

Copyrighted material

Sumário

Introdução 11
Como Exu obrigou Orunmilá a fornecer-lhe comida 19
O ferreiro e o fole 22
O pequeno escravo 24
O comando sobre os homens 29
O galo preto 33
O fazendeiro avarento 36
A pior coisa do mundo 39
A cabeça do caranguejo 41
O barco e o cais 44
A plantação de inhames 49
O caçador e a caça 56
O galo e a chuva 59
A lebre que adivinhava 61
A fazenda do esquilo 64
A salvação do macaco 67
O rei de Ijelú 70
Como Exu e Ifá adquiriram cabeça 72

Copyrighted material

O manto negro 76
A praga de ratos 79
A última palavra 84
As luzes do firmamento 88
O escravo lançado às águas 92
O sapo derrota o búfalo 95
O castigo de Oxóssi 99
A morte do sábio 103
O sapo e o hipopótamo 106
A chuva e o fogo 110
O valor do trabalho 113
Os cabelos brancos 116
O nascimento da morte 119
Por que se enterram os mortos 122
O ekodidé vence a morte 125
A punição de Iemanjá 128
O elefante e o passarinho 132
A bandeira e o guarda-chuva 139
A fome da hiena 142
O castigo de Sakpata 144
Como Ejiogbe enganou a morte 147
O lobo e a raposa 150
O aumento do Ebó 153
O jogo de búzios 157
O poder de Xangô 162
O milho 164
O avarento e a morte 168
Glossário 171
Bibliografia 175

Copyrighted material

Introdução

No maravilhoso panteão africano existem centenas de entidades espirituais, objeto de culto dos seguidores das religiões africanas.

Todos esses deuses representam manifestações diferenciadas de um Deus Supremo, Olodumare, e se encontram divididos em duas hierarquias distintas.

Os Orixás Funfun ou Orixás do Branco, pertencentes à mais alta escala hierárquica, teriam participado da criação do universo conhecido e desconhecido, seu número é incalculável, como desconhecidos; são, na maior parte das vezes, seus nomes e funções.

Numa hierarquia imediatamente abaixo, encontram-se os Eboras, os mais conhecidos e cultuados pelos seres humanos em decorrência de sua maior proximidade.

Estas entidades estão relacionadas aos Elementos Naturais, aos fenômenos e manifestações da Natureza, como também aos reinos mineral, animal e vegetal. Acessam e influenciam também os planos sutis de existência, como o etéreo, o astral, o mental etc.

Desta forma, pertencem à categoria mais elevada Orixás como Obatalá, Orunmilá, Odudúa, Oxaguiã, Oxalufã, Babá Ajalá, além de muitos outros, ao passo que os mais conhecidos e cultuados como Ogum, Xangô, Oxóssi, Oxun, Iemanjá, Iansã etc. fazem parte do grupo de Eboras, embora recebam, também, a denominação de Orixás.

Apesar da perfeita distinção hierárquica, nenhum deles é tão importante, tão poderoso e ao mesmo tempo tão injustiçado quanto Exu.

Desde o primeiro contato com os seguidores do culto aos Orixás, os missionários cristãos, reconhecendo o grande poder e a enorme influência exercida por Exu sobre os povos aos quais pretendiam dominar pela imposição de suas religiões, trataram de desmoralizar esta entidade e a

Copyrighted material

forma que encontraram para isso foi associá-lo à execrável figura do seu próprio demônio.

A concepção de um ser inteiramente mau era, para o negro africano, absolutamente inexistente. O mal e o bem se confundiam e sua distinção ficava dependendo da posição ocupada por cada um diante de um acontecimento qualquer. O que era mau para um poderia representar o benefício de outro e vice-versa.

A prática de maldades era atribuída a certas entidades possuidoras do poder da feitiçaria, denominadas Ajés e que, independentemente de sua ação quase sempre maléfica, podiam também praticar o bem, sempre que isto lhes aprouvesse.

Quando o culto se disseminou nas Américas, a confusão, portanto, já estava estabelecida, muito embora os seguidores do verdadeiro candomblé tenham a plena consciência de que Exu não é o diabo cristão e nada tem a ver com aquela figura maléfica.

No Brasil, por influência do cristianismo, esta magnífica entidade foi comparada ao diabo e, deste sincretismo, criou-se a imagem de Exu provida de rabo e chifres, portando tridentes e, por vezes, dotado de asas como as dos morcegos.

Com o surgimento da Umbanda, a confusão tornou-se ainda maior. Determinadas entidades espirituais, dotadas de características próprias e "modus operandis" semelhantes, foram confundidas com Exu, quando na verdade são espíritos desencarnados, eguns, que através das manifestações mediúnicas visam cumprir missões que não nos cabe explicar.

Estas entidades, que se apresentam sob diversas denominações tais como Marabô, Tranca-Ruas, Veludo, Caveira, Pombagira, Maria Padilha, Molambo etc., são, na verdade, eguns, que se manifestam em seus médiuns para cumprirem as missões que lhes foram impostas, como também há outras que se identificam como pretos velhos, caboclos, boiadeiros, ciganos etc.

Copyrighted material

É necessário que se saiba a diferença entre Exu-Orixá e estes outros tipos de entidades que não se encontram na mesma categoria hierárquica e que devem ser tratados e reverenciados de forma diferente e específica, mas que, independentemente de não serem Orixás, possuem força e poder para resolver problemas e prestar auxílio a tantos quantos a eles recorram.

A verdadeira importância de Exu deve ser resgatada e seu status, como Orixá, revelado, muito embora isto possa provocar tensões entre numerosos segmentos de adeptos, tanto da Umbanda quanto do Candomblé.

As chamadas Pombagiras, assim como os denominados "exus" cultuados na Umbanda, como já foi anteriormente dito, são na realidade eguns – não podendo, portanto, ser cultuados como Bara individual de ninguém e, muito menos, assentados como Exu de qualquer Orixá.

Todavia, é necessário que se esclareça quem é Exu na realidade e, principalmente, qual a sua importância, não só na manutenção de toda a estrutura filosófica do culto, como também no que se refere à existência de todas as formas de vida manifestadas no nível material e no espiritual.

Do que nos cabe depreender, Exu é, na realidade, um Orixá de altíssima hierarquia e muitos são os seus atributos, podendo mesmo ser considerado como o alicerce sobre o qual se apóia todo o sistema religioso a que nos referimos.

É Exu quem transporta as oferendas destinadas a qualquer Orixá, assim como aos eguns e até mesmo a Iami Ajé – nesta função, recebendo o nome de Exu Ojixé Elébó.

Com o título de Eleru, assume a função de patrono do carrego e é ele quem transporta todas as restituições à terra em forma de oferendas feitas pelos homens[1].

---

[1] Santos, J.E. *Os Nagô e a Morte. Padê, Axexê e o Culto Egum na Bahia*. Vozes, Petrópolis: 1986.

Copyrighted material

No orí de cada indivíduo, Exu está associado ao destino e ao Iporí de cada um como o seu Exu ou Bara pessoal.

Está associado, ainda, à boca e ao estômago, lugares por onde passam os alimentos e aí destaca-se sua função de Enugbarijó, a boca coletiva ou boca do mundo[2].

Ele é o comunicador, o intermediário, o policial, o juiz e o carrasco e, da mesma forma que castiga quem pratica atos condenáveis, premia aqueles que agem corretamente.

Não existe Exu fêmea e o Exu de qualquer Orixá, seja este masculino ou feminino, será sempre um Exu Orixá e, portanto, masculino.

Exu é, como vemos, a divindade de maior atuação no contexto religioso do Candomblé.

Resultado da interação Obatalá-Odudúa, é o primeiro elemento procriado que, esotericamente, seria a personalização da energia que reúne os átomos, possibilitando a diferenciação da matéria a partir de uma essência única. É o grande transformador, o comunicador, o intermediário entre os homens e as Divindades e entre estas e o Supremo Criador. O termo "Esu" (leia-se EXU) pode ser traduzido como "esfera".

Exu, Elegbara, Elegba ou ainda Legba seriam os nomes pelos quais é conhecido este poderoso Orixá, o primeiro criado por Obatalá e Odudúa, tendo Ogum como irmão mais novo.

Elegbara é um dos títulos honoríficos de Exu que significa "aquele que possui poder ilimitado", e Bara, Elegba e Legba são sinônimos ou variações desta palavra.

Ambos os termos se referem ao Orixá Exu, do qual se desconhece a existência de uma manifestação ou de um aspecto feminino. Exu é sempre masculino e seus símbolos são fálicos. As estatuetas que o representam possuem sempre um grande pênis em permanente estado de ereção.

---

2 idem

Copyrighted material

O culto de Exu é muito individual: cada indivíduo, assim como cada coisa, possui o seu Legba, podendo portanto edificar o seu assentamento onde poderá cultuá-lo e apaziguá-lo.

Entre os fon, existem diversos Legbas ou diferentes manifestações de um mesmo Vodun, que recebem os seguintes nomes e características:

Axi-Legba: O Legba dos mercados e feiras.

Agbonosu (rei do portal): Representado por uma pequena escultura em barro, colocada nas portas de entrada. É um Legba individual.

To-Legba: Protetor de uma cidade ou aldeia. É um Legba coletivo.

Zãgbeto-Legba: Protetor dos caçadores noturnos. Segundo se afirma, possui chifres.

Hun-Legba: Defensor dos templos. É o Legba individual de cada Vodum.

Legba Agbãnukwe: O que fala no jogo de búzios; corresponde a Exu Akesan. É o protetor, servidor e executor de Ifá. É ele que recebe os sacrifícios determinados por Ifá e deve ser sempre servido em primeiro lugar. Não existe nenhuma diferença de atribuições de Agbonosu e Agbãnukwe. Se o primeiro protege a casa contra a possível entrada de malefícios, o segundo, que deve permanecer num quarto dentro de casa, protege contra a negatividade dos próprios habitantes da mesma.

Certos signos de Ifá, tais como Ofun Meji, Ogbe-Fun, Oxetura e Ofun-Yeku, exigem que seja feito um assentamento muito especial, denominado Legba Jobiona, onde os dois Legbas citados são cultuados em conjunto, com a função de proteger a casa e toda a sua periferia. Este Legba excepcional exige obís de tantos quantos o visitem. Segundo a tradição nagô, somente os grandes Babalaôs podem possuí-lo.

Há ainda registros da existência de um Legba com quatro cabeças, denominado Legba Aóvi, surgido do Odu Jaga (nome dado aos Odus formados pela interação de Oxe com Irete, signos cujos nomes não devem ser pronunciados em decorrência da grande carga de negatividade de que são portadores. Um outro nome usado para mencionar estes Odus é Gadeglido).

Copyrighted material

Os Odu-Ifá que falam exclusivamente de Legba são Odi-Gundá, Gunda-Di e Odi-Turukpon[3].

Por sua importância e por seus atributos, Exu é sempre o primeiro a ser homenageado e cultuado em todos os procedimentos ritualísticos. Seu caráter é ambíguo e faz o mal ou o bem de acordo com sua própria conveniência.

Devido ao seu poder de atuação sobre a vida e a morte, o sucesso e o fracasso, a riqueza e a miséria, de acordo com as determinações de Olodumare, de quem é o executor de ordens, a atitude do africano diante de Exu é de temor e respeito. Por este motivo, todos os seguidores da religião procuram estar bem com ele, evitando desagradá-lo para não se exporem à sua ira.

Bi á bá rúbo, ki á mur t'Exu kuro – "Quando qualquer sacrifício é oferecido, a parte que cabe a Exu deve ser depositada diante dele".

Esta regra deve ser sempre observada porque desta forma evita-se que, com atitudes maliciosas, Exu venha a ocasionar contratempos e confusões de todos os tipos.

Numa das mais importantes louvações de Exu, encontramos a expressão "Esú, otá Orisá" – "Exu, o adversário dos Orixás" –, o que reafirma os constantes problemas existentes entre eles, ocasionados pela disputa por poder e autoridade.

Entre os muitos nomes ou títulos honoríficos de Exu, destacamos:

Logemo Orum: Indulgente filho do céu.

A n'la ka'lu: Aquele cuja grandiosidade se manifesta em plena praça.

Pápá Wàrà: Aquele que, apressadamente, faz com que as coisas aconteçam de repente.

---

3 Verger, Pierre F. *Dieux d'Afrique - Culte des Orixás et Vodouns...* Paul Hartmann Éditeur, Paris.

Copyrighted material

A túká ma xe xa: O que ele quebra em pequenos pedaços jamais poderá ser reconstituído[4].

Exu possui muitos emblemas, como a laterita, imagens de madeira ou de barro sempre encimadas por uma lâmina ou ponta afiada, bastões fálicos, entre outros.

O Orixá Exu é o único entre todos que tem seu campo de ação ilimitado, podendo atuar em todos os níveis da existência universal, permitindo, por este motivo, que seja classificado tanto como Funfun como também como Ebora, tamanho é o seu poder de agir livremente.

Exu é um só, embora possa manifestar-se de diversas e diferentes formas, sempre de acordo com a função que esteja exercendo, com o papel que esteja desempenhando.

O presente trabalho inclui diversas lendas sobre Exu, coletadas em muitos anos de pesquisa de campo, na convivência diária com grandes autoridades do culto e na seleção de itãs de Ifá contidos em literatura específica.

Aqui, o leitor poderá encontrar toda uma orientação procedimental e litúrgica, observando a maneira informal adotada por Exu para castigar os faltosos e premiar aqueles que caem na sua simpatia.

Deus dos desvalidos, protetor de ladrões, arruaceiro, saltimbanco e mágico por excelência, assim é Exu, que só é coerente com sua própria incoerência e cuja fúria se aplaca com facilidade, mas que não conhece o perdão nem a piedade.

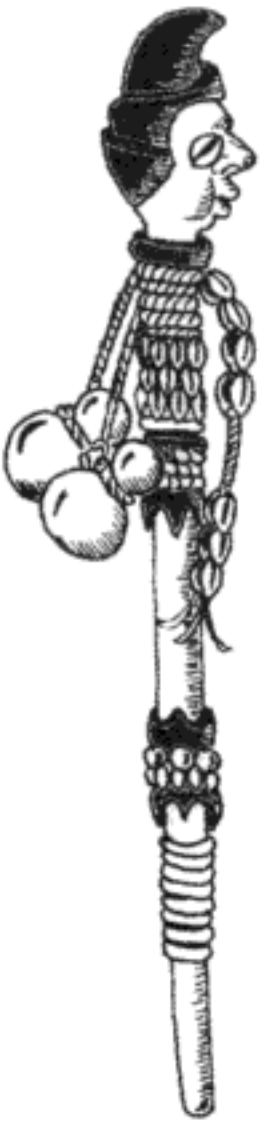
Simpático, moleque, zombeteiro, arrogante, malicioso mas, acima de tudo, dotado de um senso de justiça muitíssimo particular, este é Exu, o poderoso Exu.

E é assim que, de uma forma descontraída, despretensiosa e, por que não dizer, divertida, poderá o leitor conhecer melhor o caráter e o poder de Exu, o Grande Deus Negro.

---

4 idem

Copyrighted material



Copyrighted material



Como Exu obrigou Orunmilá a fornecer-lhe comida

Exu, que não queria saber de trabalho, vivia pedindo de tudo a Orunmilá. Um dia era um etú, no outro um preá e às vezes, até mesmo, um cabrito, sempre sob a alegação de que sentia muita fome e precisava se alimentar.

O tempo foi passando e a situação tornou-se de tal forma desagradável que Orunmilá, sentindo-se explorado, decidiu não dar mais nada para o sustento de Exu.

No entanto, Oxun, que na época era esposa de Orunmilá, aconselhou-o a continuar a sustentar o vadio. "Afinal de contas, Exu sempre fora um amigo fiel e muito prestativo", argumentava Oxun. Orunmilá, porém, permaneceu irredutível em sua decisão, não daria mais nada a Exu e, se este quisesse comer, que providenciasse o próprio sustento.

Copyrighted material

No dia seguinte Exu dirigiu-se à casa de seu amigo e, mais uma vez, alegando estar com fome, pediu que lhe fosse oferecido um galo. Orunmilá, irritado, disse já estar cansado de sustentá-lo e que, se ele quisesse comer, tratasse de arranjar um trabalho para ganhar dinheiro e assim comprar a sua própria comida.

Exu, sem dizer uma só palavra, retirou-se, e foi sentar numa encruzilhada bem próxima dali.

Após esse incidente, Orunmilá notou que seus clientes escasseavam, ninguém mais batia à sua porta em busca dos seus poderes divinatórios. Sem entender o que estava se passando, comentou com Oxun sobre o que vinha ocorrendo.

Então, Oxun perguntou a Orunmilá:

– Não sabes quem está morando na encruzilhada que conduz à nossa casa?

– Não, não sei quem está morando ali! – respondeu o adivinho.

– Então saberás agora: é Exu! E ele está sentado lá, desde o dia em que lhe negaste alimento. Depois que Exu mudou-se para a esquina, por estranha coincidência, teus clientes sumiram! – disse Oxun de forma zombeteira.

– É verdade! – retrucou Orunmilá. – Desde aquele dia nunca mais veio ninguém para se consultar... Vai, Oxun, disfarça-te numa mulher comum e procura saber o que está acontecendo.

Curiosa como ela só, Oxun cobriu-se de panos comuns, retirou todas as suas jóias e, muito bem disfarçada, rumou para o local onde, tinha certeza, iria encontrar Exu.

Lá chegando foi logo interpelada por ele:

– Boa tarde, boa mulher, o que está procurando aqui, em lugar tão remoto?

– Procuro por um certo adivinho muito famoso, conhecido como Orunmilá. Poderias me informar sua direção? – disse Oxun disfarçando a voz.

Copyrighted material

– Orunmilá?... – perguntou Exu, fazendo-se de tolo. – Sim, claro! Pois não é que este tal adivinho mudou-se sem que ninguém saiba para onde foi? Pois é... é mesmo uma pena... pois até eu costumava consultá-lo de quando em vez. Mas agora... infelizmente... depois que ele se mudou...

– Deixa de ser mentiroso, Exu! Bem sabes que Orunmilá continua morando no mesmo lugar em que sempre viveu! – exclamou Oxun deixando-se reconhecer.

– Continua é? Pois enquanto não voltar a me dar o alimento que sempre me deu, não permitirei que ninguém passe desta encruzilhada em direção à sua casa! – sentenciou o malandro.

No mesmo dia Orunmilá convocou Exu à sua presença e, depois de pedir desculpas, assumiu com o amigo o compromisso de lhe dar uma parte de tudo o que obtivesse de seus clientes. E, a partir desse dia, sua casa voltou a ficar cheia de gente e a prosperidade pôde novamente ali residir.

É por isto que, até hoje, Orunmilá pede tudo em dois às pessoas que a ele recorrem, sendo que uma parte oferece de bom grado a seu amigo Exu.

Copyrighted material



O ferreiro e o fole

O ferreiro e o fole andavam se desentendendo para saber qual dos dois era mais importante no trabalho da ferramentaria.

– Se te falto, de que forma poderás manter acesas as brasas que tornam maleável o ferro que trabalhas? Sem mim és inútil e, por este motivo, sou mais importante do que tu! – afirmava o fole cheio de vaidade.

Cansado de tanta amolação, o ferreiro foi pedir orientações a Exu e, para agradá-lo, presenteou-o com uma belíssima faca.

No dia seguinte Exu compareceu pessoalmente à oficina e, como era de hábito, lá estavam os dois discutindo e o serviço parado...

– É claro que és muito mais importante que este ferreiro inútil! – disse Exu ao fole. – Queres ver o quanto ele é incapaz? – E dirigindo-se ao ferreiro:

Copyrighted material

– Anda, sopra sobre as brasas! Quero ver se podes fazê-las ficarem acesas a ponto de incandescerem o ferro.

E o pobre homem, sem nada entender, começou a soprar inutilmente sobre os carvões, e, por mais que se esforçasse, não obtinha nenhum resultado. Os carvões mantinham-se apagados como no momento em que ali foram colocados.

– Vês o quanto és fraco e inútil? – gritou Exu, humilhando ainda mais o ferreiro.

– Agora, amigo fole, mostra-nos o quanto és poderoso. Deixa que eu amarre tua boca à entrada da forja para que nada se perca do teu sopro arrasador.

Tocado em sua vaidade, o fole permitiu que Exu amarrasse sua boca à entrada da forja e, com alguns poucos sopros, acendeu as brasas. Imediatamente, os ferros ficaram incandescentes e prontos para ser trabalhados.

– Agora que este tolo já sabe qual de nós dois é o melhor, solta-me Exu, para que eu possa dar as ordens em seu trabalho! – solicitou o fole cheio de orgulho.

– Soltá-lo? Mas por nada deste mundo!... – surpreendeu Exu. – Teu lugar é aí, com a boca sobre as brasas, atiçando-as para que o ferreiro possa trabalhar em paz. Agora já deves saber qual dos dois é tolo e qual dos dois é mais importante dentro de uma oficina.

A partir de então os foles têm suas bocas permanentemente presas às forjas e, sempre que precisa de seus préstimos, basta ao ferreiro espremer suas barrigas para que logo entrem em ação.

Copyrighted material



O pequeno escravo

Naquele tempo Orunmilá era muito pobre e ainda não era conhecido por ninguém.

Certo dia, sua mulher pediu que lhe comprasse um escravo pois estava precisando de ajuda no serviço caseiro.

Reunindo suas parcas economias que somavam ao todo dezesseis caurís, o adivinho dirigiu-se ao mercado de escravos, a fim de satisfazer o desejo da esposa.

A distância que separava sua casa do mercado era muito grande e, depois de caminhar por muitas horas, nosso amigo sentiu fome.

Aproximando-se de um rio, pôde observar que alguns homens lançavam sua redes às águas em busca de peixes e, motivado pela fome, o adivinho aproximou-se deles, pedindo que lhes dessem um peixe para comer.

Copyrighted material

– Queres um peixe para comer, não é, meu jovem? – perguntou o mais velho dos pescadores. – Pois bem, para mereceres este alimento terás que, antes, adivinhar quantos peixes já capturamos. Se acertares, te daremos não somente um, mas dezesseis peixes.

Orunmilá, então, lançou o seu opelê e, interpretando a caída do rosário, sentenciou:

– 201 peixes! Vocês já pegaram 201 peixes!

Os homens abandonaram os seus afazeres e puseram-se, imediatamente, a conferir o pescado.

– ...198, 199, 200, 201 peixes! – gritou o chefe com alegria e espanto. – Você acertou, meu amigo, nós pescamos, exatamente, 201 peixes. Exatamente conforme adivinhastes!

E, de bom grado, entregaram ao jovem adivinho os dezesseis peixes prometidos.

Depois de se alimentar, Orunmilá prosseguiu pelo caminho que o conduziria ao mercado.

Após mais algumas horas de caminhada, deparou-se com um grupo de caçadores que, com armadilhas, se ocupavam em caçar preás.

Aproximando-se deles, Orunmilá pediu que lhe oferecessem um preá para que pudesse se alimentar na volta.

– Claro que daremos o que desejas – disse o chefe dos caçadores. – Porém, primeiro terás que adivinhar o número exato de preás que caçamos até agora.

Mais uma vez o opelê foi lançado e, depois de interpretar a mensagem trazida pelo Odu, Orunmilá afirmou:

– 201! Vocês já pegaram 201 preás!

Após conferir o número de animais, os caçadores ficaram extasiados, pois haviam realmente capturado o número de preás anunciado pelo oluô. Satisfeitos, presentearam-no não com um, mas com dezesseis preás. E Orunmilá seguiu seu caminho e, finalmente, chegou ao mercado.

Copyrighted material

A importância em dinheiro que levava era, como já foi dito, irrisória; só deu mesmo para comprar um pequeno escravo. Um menino de 14 anos, esquálido e estropiado, seria o ajudante de sua mulher.

– Não faz mal – pensou o adivinho. – Vou levá-lo assim mesmo. Mesmo franzino, poderá ajudar minha esposa e, bem alimentado, crescerá forte e saudável. E o escravo foi comprado.

Após adquirir o pequeno escravo, a primeira atitude de Orunmilá foi oferecer, ao menino, um peixe e um preá e ele, esfomeado como estava, devorou tudo com muita avidez.

Logo que amanheceu o dia Orunmilá pôs-se a caminho, de volta para casa, desta vez com um acompanhante irrequieto e muito ágil.

Enquanto isso, os pescadores e os caçadores que aquinhoaram Orunmilá com os frutos de seus trabalhos trataram de espalhar, por toda a cidade, o que ocorrera e, ao chegar ao povoado que ficava entre sua casa e o mercado, nosso herói já era esperado por uma multidão. Todos queriam que Orunmilá lhes fizesse previsões e adivinhações. E, para surpresa do adivinho, estavam dispostos a pagar um bom preço por isto.

O tumulto era tão grande que o rei do país ordenou aos seus guardas que levassem à sua presença o causador daquela desordem. Desta forma, Orunmilá foi detido juntamente com seu escravo e ambos foram conduzidos à presença do Obá.

– Então sabes adivinhar com muita precisão, não é? – perguntou o monarca com ironia.

– Sim! – respondeu, altaneiro, o jovem. – Adivinho com muita precisão!

– Pois muito bem! Estás disposto a ser submetido a uma prova? – perguntou o rei.

– Sempre que Vossa Majestade achar conveniente! – afirmou Orunmilá, confiante em seus poderes.

E o rei mandou chamar o seu adivinho particular para que, juntos, pudessem submeter o estrangeiro à prova.

Copyrighted material

Acontece, no entanto, que o adivinho do rei já havia, há muito tempo, perdido seu dom de adivinhar e, malvado como ele só, arquitetou então um plano que afastasse, definitivamente, qualquer adivinho de sua cidade.

– Você será submetido a um teste. Se for bem sucedido, será nomeado babalaô da casa real. Estou velho e cansado e seria muito bom se aparecesse um substituto para minhas funções... – mentiu o velho adivinho. – Porém, se não passares no teste, serás degolado em praça pública para que, espelhados no seu exemplo, outros farsantes não se atrevam a ambicionar o meu cargo! Por enquanto, permanecerás preso aqui mesmo no palácio, sem falar ou ter contato com ninguém. Mas amanhã serás testado na presença do rei e de toda a população.

E o velho retirou-se, levando consigo o pequeno escravo.

Diante do palácio, bem no meio da praça, uma casa foi construída às pressas, segundo as instruções do velho babalaô. Em seu interior foram encerradas cem moças junto com o menino-escravo. A porta foi lacrada e os homens que participaram da construção foram executados, pois assim não poderiam revelar a ninguém o que havia dentro da casa. Guardas fortemente armados foram dispostos ao redor da construção, impedindo que qualquer pessoa se aproximasse do local.

No dia seguinte o povo foi conclamado para testemunhar a prova e o rei em pessoa conduziu Orunmilá até diante da casa.

– Vês esta casa? – perguntou ao prisioneiro. – Se adivinhares quantas pessoas existem dentro dela serás nomeado adivinho real. Caso contrário tua cabeça rolará sobre a poeira da praça!

Calmamente, Orunmilá sentou-se sobre uma esteira e, depois de lançar o opelê, gritou em bom som: – 201! Dentro desta casa estão encerrados 201 seres viventes!

O velho adivinho, contestando, depois de fingir consultar o seu próprio oráculo, disse:

– Enlouqueceste! Meu oráculo indica que aí dentro existem 101 pessoas e não as 201 que afirmas existirem!

Copyrighted material

A porta foi aberta e, uma por uma, as jovens foram saindo, enquanto o rei contava pacientemente: – Cem mulheres e um menino, 101 pessoas! Meu velho adivinho estava certo!

Um grande murmúrio elevou-se entre a população. Não gostavam do velho adivinho, conheciam suas artimanhas e maldades e, secretamente, torciam para que fosse desmascarado.

Foi neste momento, quando o carrasco já se aproximava de Orunmilá tendo às mãos uma enorme e afiada adaga, que o pequeno escravo pediu permissão para falar.

– Não é verdade que meu amo tenha errado! Dentro da casa estavam, no momento da consulta, exatamente 201 seres humanos!

– Mas que tolice é esta agora? – perguntou o velho adivinho impaciente. – Se foi o próprio rei quem contou e na presença de seus súditos!...

– Contou só o que pode ver! – interrompeu o menino. – Reitero a afirmação de meu amo: dentro desta casa, no momento da consulta havia 201 pessoas!

– Mas como? – perguntou o rei. – Por acaso não saberei mais contar?

– Claro que sabes – disse o cativo disposto a acabar com a pendenga. – Eu sou Exu Elegbara, que, disfarçado num menino escravo, armei toda esta confusão para poder punir o verdadeiro farsante, que é o velho adivinho. Foi ele quem preparou tudo e, obviamente, sabia, com antecedência, da existência de cem mulheres e um menino no interior da casa.

Acontece que, durante a noite que ali passei na companhia das cem mulheres, copulei com todas, sem exceção. E agora carrega cada uma delas em suas barrigas um filho meu. Portanto existem 100 mulheres, 100 embriões e um menino. Logo, 201 seres vivos no interior da casa!

E foi desta forma que Exu desmascarou o velho e falso adivinho. Desmoralizado e desterrado pelo rei, o farsante foi substituído em suas funções pelo jovem Orunmilá.

Copyrighted material



O comando sobre os homens

Depois que a humanidade foi criada por Obatalá, Olofin se viu diante de um problema. Precisava nomear, entre os Orixás, um que servisse para orientar os homens em suas vidas.

Acontece que todos os Orixás já estavam assoberbados de trabalho, cada um ocupado com a função que havia sido determinada por Odudúa no momento da criação do mundo.

Oxun cuidava das águas doces. Iemanjá, de alguns rios e dos mares. Ogum, das forjas e das lavouras. Oxóssi, da caça. Xangô, do fogo. Iansã, dos raios e dos ventos. Ossâim, das folhas. Enfim, todos os Orixás já estavam por demais ocupados.

Todos, com exceção de Orunmilá e Ikú. Estes não tinham muito o que fazer na época.

Copyrighted material

Olofin resolveu então testar os dois, colocando-os à prova e, para isto, solicitou que Exu funcionasse como árbitro.

A prova era simples e consistia no seguinte: dos dois candidatos, aquele que conseguisse passar três dias inteiros sem tomar qualquer alimento seria declarado vencedor e, conseqüentemente, encarregado de orientar a humanidade em sua trajetória pela vida.

Exu, além de árbitro, funcionaria como fiscal da disputa, com a obrigação de vigiar e denunciar o que fosse flagrado comendo.

O primeiro dia transcorreu sem nenhum problema. Tanto Orunmilá quanto Ikú agüentaram muito bem o jejum que lhes era imposto.

Porém, no segundo dia, sentiram-se mal pela manhã. A fome começava a mostrar os seus efeitos, enfraquecendo suas vontades e, pela tarde, já não conseguiam pensar em mais nada que não fosse comida.

Acontece que Exu também estava em jejum e sentia a mesma coisa que os dois concorrentes e, como todo mundo sabe, sempre nutrira uma forte simpatia por Orunmilá.

Na manhã do terceiro dia a situação tornara-se insuportável. Orunmilá, fraco e abatido, sentara-se na soleira da porta de sua casa e Ikú, como não tinha endereço certo, vagava sem rumo, andando desesperadamente de um lado para o outro. Mas, para bem da verdade, cabe-nos dizer que seu estado físico era bem melhor que o de seu opositor. Ikú resistia bem à abstinência e, provavelmente, seria o vencedor.

Foi então que Exu resolveu agir e, como não gostasse de Ikú, aproximou-se de Orunmilá, a quem fez a seguinte proposta:

– Vou matar e assar uma galinha, da qual comerei uma parte. Quero que me sirvas e que lambuzes as mãos com o alimento, sem no entanto levá-lo à boca. Bem sei o quanto isto será torturante no estado em que te encontras, mas prometo que, decorridas umas poucas horas, serás declarado vencedor e poderás comer o que bem entenderes.

Sem sequer saber o que se passava na cabeça de Exu, Orunmilá concordou. Afinal de contas não agüentaria mesmo ficar sem comer até

Copyrighted material

o final da prova e o que quer que acontecesse naquele momento seria lucro para ele.

Exu sacrificou uma galinha preta, limpou, temperou com muito lelekun e, sentado na porta de Orunmilá, saboreou metade dela; era o Orixá quem o servia com as próprias mãos.

Atraído pelo cheiro do alimento, Ikú aproximou-se sorrateiramente e, bem escondido, viu tudo o que se passava.

Certo de estarem sendo observados, Exu falava em voz alta:

– Mas que delícia esta galinha que preparastes para nós! Passa-me mais um pedaço e reserva esta coxa para ti! – e estalava os lábios de forma acintosa, provocando Ikú, para quem Orunmilá também parecia estar comendo.

Repentinamente Exu levantou-se e, recolhendo dentro de uma cabaça as vísceras da ave que propositadamente deixara ao lado, falou:

– Estas vísceras estão atraindo muitas moscas e sabes o quanto detesto estes insetos. Vai comendo enquanto vou levá-las até a lixeira. Mas deixe um pouco mais para mim!

Pegando a cabaça, transportou-a até a lixeira onde a depositou no chão, escondendo-se em seguida.

Não se passaram dez segundos até que Ikú, cambaleante, aproximou-se da cabaça e, atirando-se ao solo, comeu com avidez tudo o que estava em seu interior.

Exu deixou que Ikú se fartasse um pouco e, no meio da refeição, apareceu.

– Há, Há! – riu Exu, fazendo disparar de susto o coração de Ikú. – Com que então não resististe à fome e vieste comer na lixeira, não é? Fica sabendo então que declaro Orunmilá o vencedor da contenda e agora mesmo irei comunicar o acontecido, para que Olofin possa nomeá-lo, definitivamente, orientador dos seres humanos!

– Mas Orunmilá comeu antes de mim... e em tua companhia... – balbuciou Ikú, com a boca cheia.

Copyrighted material

– Não, Orunmilá não comeu nada. Ele apenas me serviu o alimento que preparei, metade do qual está reservado para ele – esclareceu Exu.

E Ikú, voltando na companhia de Exu, assistiu Orunmilá comer a outra metade da galinha assada por Exu.

No dia seguinte Orunmilá foi nomeado, por Olofin, orientador dos seres humanos, função que exerce ainda hoje com toda a dignidade e, Ikú, quando sente fome, procura nas lixeiras os restos que os mortais ali depositam.

É por este motivo que os ebós que se fazem para enganar a morte são, quase todos, despachados nos depósitos de lixo.

Copyrighted material



o galo preto

Exu andava pelo mundo em busca de novidades. Vivia entediado e a falta de criatividade dos seres vivos o deixava profundamente irritado.

– Tudo sempre igual... – pensava com seus botões. – ... Ninguém inventa ou modifica nada. Que tédio!

Assim, observou que a noite se aproximava e, junto dela, a ameaça de uma tempestade. Resolveu, então, buscar abrigo numa casa à beira da estrada.

Batendo à porta, foi recebido por um animal peludo ao qual perguntou:

– Como te chamas?

– Macaco!

– E teu pai, como é chamado?

Copyrighted material

– Macaco!

– Tua mãe?

– Macaca!

– Teus irmãos?

– Todos, Macacos!

Exu virou as costas e afastou-se sem dizer mais nada. Não iria passar a noite numa casa onde todos os habitantes tinham o mesmíssimo nome, o que, para ele, representava a mais absoluta prova de falta de imaginação. E Exu jamais gostou de gente ou animal obtuso.

Logo adiante encontrou outra casa e, batendo à porta, foi recebido por outro animal.

– Boa tarde! Ando em busca de abrigo para proteger-me da tempestade que se aproxima, mas antes preciso saber o teu nome – disse Exu cheio de autoridade.

– Eu me chamo Elefante – respondeu o morador.

– E teu pai? – perguntou o visitante.

– Elefante, como eu!

– Tua mãe?

– Elefante também!

– Teus irmãos?

– São em número de três e chamam-se Elefante, Elefante e Elefante.

– Ora bolas! – resmungou Exu enquanto se afastava sem se despedir.

Mais alguns passos e Exu encontrou outra casa, onde foi recebido por uma pequena ave de plumagem inteiramente negra.

– Olá! Sou Exu e ando em busca de abrigo mas, antes de tudo, preciso saber teu nome.

– Me chamam Galo Preto! – respondeu o morador.

– E tua mulher?

– Galinha.

– Teus filhos?

Copyrighted material

– Isto depende de suas idades – explicou o dono da casa. – Os mais velhos são frangos e frangas, os mais novos são pintos e os menores são chamados pintinhos!

Encantado com a resposta, Exu resolveu pernoitar naquela casa e graças a este fato adquiriu grande admiração pelo galo preto, que, ainda hoje, considera o seu animal favorito.

Copyrighted material



O fazendeiro avarento

Ainda não se sabe quem contou a Exu que aquele fazendeiro costumava explorar e maltratar seus empregados, mas a verdade é que nosso amigo, que não gosta deste tipo de gente, resolveu puni-lo de forma exemplar.

Um belo dia Exu chegou à fazenda do tal homem e, sabendo o quanto era avaro e mesquinho, lhe fez a seguinte proposta:

– Sustentas tantas pessoas ociosas que não sei como consegues sobreviver! Pelo que pude ver, tens mais de trinta vadios trabalhando em tuas eiras e quero que saibas que, pela metade do total que lhes pagas, serei capaz de realizar o dobro do trabalho feito por eles.

A ganância impediu que o homem raciocinasse e, motivado por ela, respondeu:

Copyrighted material

– Se é verdade o que me dizes, gostaria de te contratar para os meus serviços. Caso aceites, dispensarei agora mesmo este bando de mandriões!

– Claro que é verdade! – confirmou Exu. – Manda-os embora e começarei a trabalhar logo que cumpras com minha única exigência. Quero receber adiantado a metade do valor do meu trabalho. A outra parte me pagarás somente no final da colheita.

O fazendeiro, que possuía muito dinheiro, dispensou todos os empregados e entregou a Exu o valor combinado.

Entretanto, em vez de pegar no trabalho, nosso amigo, já de posse do dinheiro, trepou num galho de uma árvore de onde ficou admirando a paisagem.

Ansioso por ver seu desempenho, o patrão perguntou:

– Então, não vais trabalhar?

– Aguarda um pouco, estou esperando a inspiração!

Horas depois o patrão voltou a cobrar:

– E agora, já te sentes inspirado?

– Aguarda! – respondeu Exu sem se dignar a olhar para ele.

Uma hora mais, e nova cobrança:

– E então, quando irás começar?

Desta vez Exu nem ao menos respondeu. Continuou impassível no seu posto.

Desesperado, o homem ordenou que seu filho fosse à vila, solicitando a presença do governador e de alguns policiais. Exu não se mexia de seu lugar.

Já pelas tantas, chegou o governador acompanhado de quatro guardas armados de lanças.

– O que está se passando de tão grave que me foram incomodar em minha casa? Por acaso não sabem que ando ocupado em investigar o roubo de meu próprio cavalo?

Copyrighted material

E o fazendeiro contou-lhe o ocorrido. Aquele homem encarrapitado no galho da árvore havia recebido o sinal combinado pelo trabalho contratado e agora se negava a executá-lo.

– Hei! Tu aí em cima! O que tens a dizer? – indagou a autoridade a Exu.

– O que tenho a dizer? Apenas que Vossa Senhoria não deveria estar aqui agora pois sua mulher entrou em trabalho de parto e só a sua presença poderá salvar a sua vida e a da criança! – respondeu Exu, saltando da árvore para o chão.

Assustado, o governador perguntou:

– Como sabes que minha mulher está para ter filho? Realmente quando saí de casa queixou-se de estar sentindo dores na barriga e agora me dizes que sem minha presença morrerão ela e a criança?

– Certo como meu nome é Exu!

– Mas daqui à minha casa a distância é muito grande! Se eu sair agora, mesmo que vá correndo, não chegarei a tempo! Se ao menos tivesse o cavalo que me foi roubado... – lamentou-se o governador.

– Ah, é verdade, o cavalo roubado! – disse Exu com ar matreiro. – Guarda, procura na cocheira o cavalo desaparecido, quem sabe não damos a sorte de encontrá-lo ali?

Em poucos minutos o policial voltou da cocheira trazendo o cavalo que, sem procurar saber a origem, o fazendeiro havia comprado pela quinta parte do seu valor real das mãos de um estranho.

– Prendam este homem! – ordenou o governador e, incontinente, partiu em disparada para casa onde, com sua presença, logrou salvar as vidas de sua mulher e de seu filho.

O fazendeiro interceptador foi desterrado e suas terras doadas a Exu, que tratou de distribuí-las entre os antigos empregados, mas não sem antes haver recebido, do próprio fazendeiro, a outra parte do dinheiro referente ao trabalho que havia sido contratado entre eles.

Copyrighted material



A pior coisa do mundo

Quando Obatalá chegou neste mundo, nada conhecia sobre ele e tinha curiosidade de saber de todas as coisas.

Foi por este motivo que um dia pediu a Exu, que era seu empregado, que lhe servisse no almoço aquilo que houvesse de melhor sobre a face da Terra.

Exu, então, foi ao mercado e ali comprou uma língua bovina que, com as próprias mãos, limpou, temperou e, depois de assar, serviu a Obatalá.

Finda a refeição, muito agradecido, Obatalá disse a Exu:

– O prato que me serviste é realmente delicioso; jamais, em minha vida, experimentei algo tão bom!

Envaidecido, Exu retrucou:

– Realmente, a melhor coisa do mundo é a língua!

Copyrighted material

– Quero agora, amigo Exu, que me sirvas a pior coisa que possa existir neste mundo – pediu o Orixá Funfun.

No dia seguinte, Exu foi novamente ao mercado, de onde retornou com mais uma língua bovina. Novamente preparou-a da mesma forma que a anterior e serviu-a a seu amo.

Depois de comer, Obatalá repreendeu Exu:

– Quer me parecer que não entendeste bem o meu pedido. Ontem me serviste uma língua como sendo a melhor coisa do mundo, comi e gostei, aprovando inteiramente a tua escolha. Em seguida te pedi que me servisses, hoje, a pior coisa do mundo e, mais uma vez, me serves língua. O sabor é exatamente o mesmo da que me foi servida ontem e gostaria de saber como pode uma coisa ser, ao mesmo tempo, a melhor e a pior coisa do mundo. Ou será que se trata de mais uma de tuas brincadeiras?

– Não, Grande Orixá, não se trata de nenhuma brincadeira. Jamais agi com tanta seriedade e segurança! – assegurou Exu.

– Explica-me então o que pretendes pois, confesso, não consigo entender onde queres chegar – replicou o Orixá funfun.

Com ar sério, Exu começou a explicar:

– A língua é, sem dúvida, a melhor coisa do mundo e, contraditoriamente, pode ser a mais perigosa e ruim de todas.

Quando é usada para coisas boas tais como abençoar, fazer preces em louvor aos Orixás, orientar corretamente, cantar a boa música, recitar poesias, falar de amor e ensinar os bons costumes é, então, a melhor coisa do mundo.

Quando, ao contrário, é utilizada para caluniar, amaldiçoar, mentir, fomentar a discórdia e a guerra, torna-se letal. É a pior de todas as invenções de nosso pai Olodumare e melhor seria que nunca tivesse existido.

Tudo depende da forma como é usada por seu dono, para que possa ser classificada como a melhor ou a pior coisa do mundo.

E foi então que Obatalá, compreendendo o ensinamento que lhe era dado por Exu, nunca mais aceitou língua em suas refeições.

Copyrighted material



A cabeça do caranguejo

Quando o mundo foi criado, nenhum animal possuía cabeça.

Entretanto, Olofin havia prometido que, um dia, todos seriam aquinhoados com cabeças mas, como se tratasse de um número muito grande de pretendentes, não havia previsão de data para a entrega. A verdade é que todos andavam muito ansiosos pelo momento de poderem desfilar exibindo belas cabeças, dotadas, segundo se dizia, de olhos, boca, orelhas e tudo o mais que compõe uma boa e verdadeira cabeça.

Naquela época o caranguejo era um bom adivinho e vivia desta atividade. Todos os bichos da região eram seus clientes e ele orgulhava-se de jamais haver falhado numa previsão.

O caranguejo cultuava Exu, de quem era muito íntimo e com quem dividia de bom grado tudo o que recebia na sua função de adivinho.

Copyrighted material

Desta forma, mantinha-se sempre muito bem informado de tudo o que acontecia, tanto no Ayê quanto no Orun.

Sabemos, com certeza, que era Exu quem sustentava o dom de adivinhar do caranguejo.

Um belo dia, logo pela manhã, Exu foi à casa do amigo para lhe dar, em primeira mão, a grande e tão esperada notícia: no dia seguinte Olodumare, que já não agüentava mais tanta reclamação, distribuiria cabeças entre os animais. Havia, no entanto, um pequeno problema. O número de cabeças existentes não era suficiente para atender à demanda toda e, por este motivo, aqueles que chegassem por último ao Orun continuariam acéfalos.

– Não contes a ninguém o que te estou revelando. Trata de chegar primeiro e assim poderás escolher a melhor cabeça que estiver disponível. Depois podes espalhar a notícia entre todos – disse Exu ao caranguejo.

Ora, como já sabemos, o caranguejo zelava muito bem por sua fama de adivinho e, assim, não se sabe se por força de ofício ou por simples vaidade, logo que Exu foi embora, saiu batendo de porta em porta, espalhando a boa nova e sendo por isso muito bem recompensado pelos vizinhos.

Atrapalhado com tantos presentes, caminhava cada vez mais lentamente, mas não parou até que o último dos bichos tivesse sido avisado.

Os animais, logo que sabiam da novidade, abandonavam o que quer que estivessem fazendo e corriam para o Orun, em cuja porta já se havia formado uma imensa fila.

A confusão era tão grande que senhas foram distribuídas para que a ordem de chegada fosse respeitada, já que alguns retardatários, usando de força, tentavam furar a fila.

Somente depois de voltar à sua casa, onde guardou os presentes que havia recebido em troca da informação, é que o caranguejo, após

Copyrighted material

tomar um bom banho, dispôs-se a ir buscar sua própria cabeça; contudo, quando finalmente chegou no Orun, era tarde demais. Não existia mais uma cabeça sequer e, desta forma, por não saber guardar segredo, nosso herói ficou privado de adquirir uma cabeça.

Zangado e decepcionado com a atitude do amigo, Exu negou-se, para sempre, a ajudá-lo no ofício de adivinho e, desmoralizado e triste, o caranguejo internou-se no pântano, onde vive até hoje enterrado na lama e... sem cabeça, é claro!

Copyrighted material



O barco e o cais

O barco e o cais viviam em eterna disputa por prestígio e importância.

– Não fosse eu... – dizia o barco, – ...não haveria razão para existires. Foi para me servir que os homens te criaram, para que, através de ti, possam subir em mim para que os transporte a todos os lugares onde o mar alcance, além, é claro, de sair com eles para a pesca e ajudá-los a buscar o alimento existente sob as águas. Como vês, se não fosse eu, não existirias, com toda a certeza!

– Sim! – retrucava o cais sem muito ter para argumentar. – ...Mas afinal de contas sou eu quem dá segurança até mesmo para ti. Se não ficasses bem preso a mim, serias arrastado pelas correntes marítimas e, certamente, te perderias na imensidão do oceano!

– Mas que disparate! – interrompia o barco. – ...E para que serve a âncora que possuo, se não para fixar-me onde quer que eu esteja?

Copyrighted material

E as discussões se prolongavam. Cada um querendo ser melhor e mais útil que o outro. Não havia como chegarem a um acordo.

Cansados de tanta briga, resolveram pedir a intervenção de Exu para que servisse de árbitro na questão.

Exu determinou então que cada um deles fizesse um ebó composto inteiramente de peixes e frutos do mar. Sete dias depois de oferecidos os sacrifícios, declararia publicamente qual dos dois contendores era o mais importante: se o barco que transportava os homens sobre as águas, ou o cais, que dava segurança aos embarques e desembarques.

No mesmo dia o cais providenciou o seu ebó. Reunindo os ingredientes necessários, ofereceu logo o sacrifício exigido por Exu.

O barco, no entanto, vaidoso e irreverente, limitou-se a dizer:

– Se Exu quer comer peixes, que os compre no mercado ou vá pescar. Sei muito bem qual de nós dois é o melhor e não preciso oferecer sacrifícios para que meu valor seja reconhecido por todos!

E assim pensando, continuou indolente, a balançar-se ao sabor das pequenas ondas.

Ao receber a oferenda do cais, Exu perguntou:

– E o barco, não vai fazer o sacrifício determinado?

– Não posso responder por ele – disse o cais. – Minha parte está cumprida, agora ele, não sei... nem sequer temo-nos falado. A cada dia que passa ele está se tornando mais e mais insuportável e, como se acha auto-suficiente, não creio que faça o ebó.

Exu, sem nada dizer, afastou-se pensativo:

– Com que então o barco é auto-suficiente... Tão poderoso que não precisa oferecer sacrifícios... Pois bem, vou tratar de sua empáfia agora mesmo!

– Agô, Olokun! – exclamou Exu entrando no palácio de Olokun, o rei dos mares.

– Ajuba, Exu! – respondeu o Orixá com cordialidade. – A que devo tão agradável visita?

Copyrighted material

– Venho matar saudades do amigo e, aproveitando o ensejo, fazer uma denúncia de alguém que vive em teu reino o que, sem dúvida, faz dele um súdito teu!

– Denúncia de um súdito meu? Não será, por acaso, o tubarão, que vive matando tudo o que pode alcançar?

– Não, não é sobre o tubarão que te venho falar. Afinal de contas, independentemente de sua ferocidade, o tubarão mata para comer e não tem culpa de possuir uma fome insaciável. Trata-se de outra figura que nem sequer nasceu, como o tubarão, dentro do teu reino – disse Exu, demonstrando simpatia pela fera do oceano.

– E quem é este que, mesmo sendo estrangeiro, vive em meus domínios e porta-se tão mal que te obriga a vires apresentar queixas contra ele? – perguntou o poderoso Obá.

– Trata-se de um tal de barco. Invenção do homem. Começou sua carreira humildemente mas agora, ninguém sabe por quê, ficou tão vaidoso que se autodenomina rei dos mares – envenenou Exu.

– Mas como rei dos mares? Só existe um rei dos mares coroado por Olodumare, e este sou eu! – bradou indignado Olokun, cuja ira era fácil de ser despertada.

– Pois é isto o que está escrito no corpo do tal de barco, "rei dos Mares"... E tem mais, afirma publicamente ter absoluto controle sobre as ondas e as marés e que as águas servem apenas de estrada para ele chegar aonde bem entender! – prosseguiu o queixoso.

– Eu te agradeço pela informação, Exu. Vou tratar, hoje mesmo, deste tal de barco! – vociferou o rei, já encrespado de raiva.

Saudando respeitosamente o poderoso amigo, Exu retirou-se de seu palácio, dirigindo-se, em seguida, à casa de Oyá, a Senhora dos Ventos.

– Epa hei, Oyá! – saudou Exu exagerando na reverência.

– Larôie, Exu! – respondeu a senhora, que se divertia muito com as visitas do recém-chegado. – A que devo a honra de tão agradável visi-

Copyrighted material

ta? Por acaso terás novas e divertidas aventuras para me contar, o que sempre me faz dar boas gargalhadas?

– Infelizmente não, Dona dos raios. O que me traz aqui não é nada agradável. Trata-se, isto sim, de um caso de usurpação! – disse Exu assumindo ar de seriedade.

– Usurpação? Mas quem está usurpando o quê, de quem? – indagou Oyá.

– Já ouviste falar num tal de barco, que habita o reino de Olokun? – perguntou o visitante.

– Não tenho certeza... Parece-me ter ouvido este nome em algum lugar. Mas diga logo, o que tem este tal de barco a ver com uma trama de usurpação?

– Pois é ele mesmo o usurpador! O barco vem tentando usurpar de ti, grande Iabá, o reinado sobre o vento! – disse Exu, fingindo indignação.

– Mas de que forma, Exu? Como isto é possível? – perguntou Iansã.

E Exu, sempre intrigante:

– O tal barco possui um pedaço de lona, a que chama de vela, que, segundo ele mesmo afirma, tem o poder de aprisionar o vento, fazendo-o trabalhar como um escravo que o leva para onde pretenda ir! Por este motivo, vive declarando a todo mundo que reina sobre o vento!

Mal disfarçando sua fúria, Oyá resmungou entre os dentes:

– Ah! Quer dizer, então, que o tal de barco acha que domina e reina sobre o vento? ... E com uma simples vela de lona? Veremos que poder é esse! – disse a Senhora dos raios, das tempestades e dos ventos.

Despedindo-se, depois das saudações de praxe, Exu retirou-se. Sua missão estava cumprida. Agora, era aguardar os resultados.

No mesmo dia Oyá ordenou que o vento soprasse com toda a fúria sobre o local onde o barco se encontrava, à beira do cais.

Ao mesmo tempo, Olokun agitou suas águas com furor extremo. O céu escureceu como se fosse noite e os raios retalhavam as nuvens

Copyrighted material

negras que, rapidamente, se formaram. Vagas jamais vistas fustigavam a costa e o vento, furioso, atirava o barco, sem piedade, contra as paredes do cais.

A tempestade não durou sequer meia hora, tempo suficiente para que, do vaidoso barco, sobrassem apenas destroços, pedaços de madeira, de cordas e de lona, que flutuavam ao sabor das ondas, que, aplacadas, acariciavam, agora, as paredes do cais.

O cais, porque fizera o ebó, permaneceu intacto, como se nada tivesse acontecido, mas o barco... pobre barco... dele nada sobrou, a não ser a lembrança de sua vaidade gravada num pedaço de madeira abandonada à deriva, onde se podia ler: Rei dos Mares.

Copyrighted material



A plantação de inhames

Um certo homem, muito devoto de Exu, era demasiadamente esperto. Não gostava de pegar no batente e, para sobreviver, enganava a todos se fazendo passar por mago.

Apesar de tudo, possuía bom coração e jamais fizera mal a quem quer que fosse. Era o que hoje poderia se chamar de um "bom malandro".

Um belo dia nosso herói chegou a um povoado governado por um homem muito justo e, ali, resolveu estabelecer-se como mago e adivinho, propondo-se a resolver os problemas de todos que se dispusessem a pagar por seus serviços.

Segundo afirmava, não havia problemas que não pudesse resolver nem magia que não pudesse operar.

Copyrighted material

Muito inteligente e sagaz, em pouco tempo arrebanhou grande clientela, amealhando, assim, uma boa quantia em dinheiro. Pretendia, como sempre fazia, uma vez obtida uma quantia suficiente para sobreviver por alguns meses, abandonar a vila sem despedidas e sem ser visto por ninguém.

Acontece no entanto que o governador, sempre atento a tudo o que ocorria no lugar, soube de sua presença e mandou que alguns guardas o conduzissem ao seu palácio para entrevistá-lo.

– Com que então... – perguntou o governante durante a audiência, –...és capaz de promover eventos singulares, operando curas e magias de forma miraculosa?

– Sim, é verdade! – sustentou o farsante sem pestanejar. – Sou o maior mago que já passou por estas bandas e não existe magia que eu não possa fazer!

– Que bom! Se isto for verdade poderás estabelecer-te definitivamente em nossa cidade; caso contrário, deves ir embora agora mesmo – ponderou o governador.

– Se me permites ficar, ficarei – respondeu o mago, sem de longe imaginar o que lhe estava reservado.

– Já que esta é tua decisão, deverei submetê-lo a uma prova de capacidade. Se te saíres bem poderás ficar instalado, para sempre, em meu próprio palácio. Se no entanto fores reprovado, serás decapitado, e tua cabeça será exposta como exemplo para que outros não se aventurem a enganar o meu povo – sentenciou a autoridade.

Ato seguinte, batendo palmas, o governador fez entrar um servo portando um cesto, dentro do qual estavam depositados sete inhames assados e, apresentando o conteúdo do cesto ao visitante, assim falou:

– Vês estes sete inhames? Eu mesmo os assei nas brasas de carvão. Deverás plantá-los num sítio de minha propriedade que fica próximo ao rio e, se dentro de sete dias pelo menos um deles não tiver produzido brotos, serás decapitado em praça pública!

Copyrighted material

– Mas como pode? Inhames assados produzirem brotos? Como farei? – balbuciou atônito o aventureiro, compreendendo a gravidade de sua situação.

– Como pode? – Não sei! Não és tu o milagreiro? Opera esta magia e salva a tua própria vida! – ironizou o governador.

E, na mesma hora, rumaram todos, seguidos por grande multidão até o local determinado.

Lá chegando, o falso mago, com a ajuda de uma enxada, abriu sete pequenas covas, depositando, dentro de cada uma delas, um inhame completamente estorricado pelas brasas.

– Desta vez estou perdido... – pensava. – ...Como fui me meter em tamanha enrascada? Mas tudo bem, tenho sete dias para encontrar uma solução ou, o que é mais inteligente, tentar fugir desta cidade de malucos!

Plantados os inhames, diante de cada cova foi colocado um guarda muito bem armado, com ordem de não se afastar dali por nenhum motivo. Um oitavo homem, chefe da guarda, rondava permanentemente, para evitar que alguém se aproximasse da plantação.

Desolado, o vigarista, que permaneceu em liberdade, afastou-se solitário, tentando descobrir uma forma de sair daquela encrenca.

– Valei-me, Exu Elegbara! Dá-me inspiração! Ajuda-me a salvar minha própria vida! – suplicava no seu desespero.

Neste momento, vindo não se sabe de onde, apareceu diante dele um homem vestido de maneira estranha. Muitos colares de búzios pendiam de seu pescoço, sua cabeça era coberta por um capuz de pele de bode, com uma ponta que se dobrava exageradamente para trás, o que lhe emprestava uma aparência cômica. Numa das mãos, um bastão, em cuja extremidade superior se podia ver, muito bem esculpida, uma cabeça humana portando um gorro semelhante ao que usava. Inúmeras cabacinhas atadas a uma trança de palha da costa penduradas ao bas-

Copyrighted material

tão balançavam, acompanhando o ritmo de seus passos. Preso à cintura, um exíguo saiote de tecido de cor indecifrável mal disfarçava o grande pênis semi-ereto que, como as cabaças, balançava a cada movimento da misteriosa figura.

– Boas tardes te desejo! – exclamou o estranho personagem disfarçando um ar de zombaria.

– Boas tardes? Como podes desejar-me boas tardes se minha cabeça está prestes a rolar no chão como uma cabaça atirada pelos meninos? Por acaso não sabes o que está acontecendo?

– Como não haveria de saber aquilo que todos sabem, logo eu que sei tudo o que ninguém sabe? – perguntou o recém-chegado. – Pois se estou aqui para tirá-lo do apuro em que se meteu, como não haveria de saber o que está se passando?

– Ajudar-me? Mas como poderás ajudar-me? Por favor, não me venhas atrapalhar. Preciso pensar para encontrar uma saída... – protestou o infeliz.

– Mas já tenho uma saída para ti! – exclamou o visitante. – Sabes quem sou eu?

– Claro que não! – reclamou o outro. – E como poderia saber se nunca te vi antes?

– Nunca me viste, é verdade, mas sempre recorreste a mim em tuas preces e já te ajudei a sair de muitas enrascadas colocando na tua cabeça soluções e idéias. Mas desta vez... desta vez a coisa está tão grave que terei que agir pessoalmente! – explicou o estranho.

– Estás me dizendo que és...

– Exu, teu protetor! – interrompeu a estranha figura. – Agora vamos deixar de conversa inútil. Quero que te dirijas, imediatamente, ao mercado, e que lá adquiras sete inhames grelados que tenham o tamanho aproximado daqueles que enterraste. Trataremos de substituí-los logo que tenha colocado em prática o meu plano.

Copyrighted material

– Mas não seria melhor estabelecermos um plano de fuga? Como poderei substituir os inhames que plantei se, à frente de cada um deles, existe um guarda armado e louco para me decepar a cabeça? – sugeriu o amedrontado homem.

– E como pretendes fugir se nos portões da cidade foram colocados centenas de guardas e todos motivados pela mesma vontade de decapitar-te? Portanto, faz o que te mando. Adquira os inhames e fica escondido próximo ao local da plantação. Quando tiveres chance substitui todos os inhames e aguarda o resultado – disse Exu com autoridade.

– Chance, mas que chance com guardas tão ferozes? – protestou o falso mago.

– Pára de choramingar e faz o que te mando! Ou preferes que eu vá embora? – ameaçou Exu.

Não, por favor! Farei tudo como mandares! Exatamente como mandares – suplicou o pobre coitado.

E, dito isto, separaram-se, seguindo cada um numa direção. O mago para a praça do mercado e Exu, para a plantação.

– O que fazem tão valorosos guerreiros no meio de uma lavoura, embaixo deste Sol inclemente?

Era Exu que, surgindo repentinamente na plantação, assim falava com o chefe da guarda.

– Vigiamos, para que ninguém mexa nos sete inhames que foram plantados, por ordem de nosso governador, por um homem que se diz mago. Imagina que os tais inhames foram assados na brasa e, ainda assim, o tal mago garante que produzirão brotos num prazo máximo de sete dias – respondeu o comandante.

– Mas que disparate é este? Nem mesmo eu, o maior feiticeiro que existe sobre a face da Terra, seria capaz de operar tal magia! E ainda se perde tempo com este tipo de gente? Então não vês que, a esta altura, o farsante já deve estar em fuga, bem longe daqui? – ponderou Exu.

Copyrighted material

– Só se usou de seus poderes mágicos para fugir. Todas as saídas da cidade estão muito bem guardadas para que tal coisa não aconteça! – afirmou o chefe dos soldados.

– Qual poderes mágicos, qual nada! – protestou Elegbara. – Sei muito bem de quem estamos falando. Trata-se de um aventureiro, um farsante que pretende usurpar a minha fama de grande mago! Eu, caro amigo, somente eu, sou capaz de realizar coisas fantásticas, como, por exemplo, fazer com que as águas da cachoeira, cujo ruído daqui podemos ouvir, mudem de direção e, ao invés de caírem, subam pela encosta da montanha!

– Como? – perguntou o oficial com ar de espanto. – Fazer as águas da cachoeira subirem em vez de descerem? Daria tudo para assistir a tal prodígio!

– Pois não terás que dar nada para assistires a um espetáculo que nunca mais terás oportunidade de ver em toda a tua vida – continuou Exu. – Vem comigo e traz teus companheiros para se deliciarem também com tal visão. Não há o que temer! A esta hora o vigarista já deve estar muito longe da cidade!

E assim, movidos pela curiosidade, foram todos assistir ao que, conforme afirmara Exu, seria o maior espetáculo que poderiam testemunhar em suas vidas, por mais longas que viessem a ser.

E era tudo o que nosso infeliz amigo, que bem escondido dentro da mata a tudo assistia, queria na vida. Os guardas abandonavam os seus postos.

Rápido como o guepardo, o homem, desesperado, trocou os inhames assados pelos outros já brotados e, apavorado, fugiu para a cidade onde se misturou com alguns de seus simpatizantes.

Enquanto isso Exu dava prosseguimento à farsa. Postando-se em frente à cachoeira ordenou que os guardas, deitados no chão, colocassem seus rostos sobre a terra. Não podiam ver o ritual secreto, pela força do qual as águas retrocederiam leito acima.

Copyrighted material

Alguns minutos se passaram até que um dos guardas arriscou uma olhadinha e... cadê o grande mago? Foi tempo suficiente para que Exu se afastasse sorrateiramente, rumo à floresta.

Convencidos de haverem sido enganados, voltaram correndo, cada qual ao seu posto. Ninguém poderia saber o que acontecera, pactuaram, além do que isto poderia custar-lhes a vida e, muito apreensivos, retomaram seus postos, guardando agora um segredo comum.

No sétimo dia o governador foi, pessoalmente, verificar o resultado da prova e com ele, inúmeras pessoas, além do falso mago, agora confiante e feliz.

E qual não foi o espanto da autoridade ao verificar que todos os inhames, sem exceção de um só, haviam brotado, e que suas ramas se espalhavam, verdes e viçosas, sobre as terras de sua propriedade.

Olhando com grande admiração para o vigarista declarou:

– És realmente um grande mago! Teus poderes serão decantados por todo o país e te ofereço o cargo de adivinho do palácio, além da mão de minha filha em casamento!

Comovido com tantas honrarias, nosso amigo, sem se fazer de rogado, aceitou o que lhe era oferecido, indo morar no palácio na companhia do governador e de sua bela filha.

E foi assim que Exu defendeu, num momento de grande perigo, o homem que lhe prestava permanentes reverências.

Copyrighted material



O Caçador e a Caça

O caçador se foi consultar com Orunmilá pois recebera uma encomenda do próprio rei e precisava abater uma corsa e seu filhote para a festa que seria dada no palácio.

Orunmilá, depois da consulta, determinou que para ser bem sucedido o caçador teria que oferecer duas galinhas pretas a Exu.

Como era muito avaro e ao mesmo tempo temesse desobedecer à determinação do oráculo, o caçador resolveu, de forma econômica, oferecer apenas uma galinha no lugar das duas que lhe foram pedidas.

– Desta forma... – pensava – ...estarei garantindo o bom resultado de minha empreitada. Exu haverá de compreender que uma única galinha representa, para mim que sou pobre, um grande sacrifício. Sem dúvida haverá de aceitá-la de bom grado.

Copyrighted material

A corsa, sabendo-se perseguida por todos os tipos de predadores, foi consultar o oráculo para saber o que deveria fazer para proteger-se e a sua cria da ação dos inimigos.

Terminada a consulta, Orunmilá determinou que fizesse uma oferenda para Exu, composta de dois preás. A corsa, como era pobre e muito econômica, ofereceu apenas um preá, na certeza de que Exu haveria de aceitar e, compreendendo sua posição, lhe dispensaria a proteção necessária.

No dia em que o caçador saiu para caçar, conferiu com muito cuidado suas armas. Além do arco que manipulava com incrível precisão, colocou, presa às costas, uma aljava com inúmeras flechas.

Depois de muito caminhar dentro da floresta, chegou às margens de um rio onde, após saciar a sede, começou a ouvir ruídos que provinham do outro lado. Escondendo-se, viu a corsa com seu filhote, pastando tranqüilamente, junto à margem oposta.

Calculando bem a distância que os separava, concluiu que suas flechas não poderiam alcançar alvos tão distantes e, por este motivo, resolveu atravessar o rio a nado, a fim de aproximar-se mais do seu objetivo.

Ao chegar ao outro lado, rastejou sorrateiramente em direção aos seus alvos e só então se deu conta de que, durante a travessia, as flechas de madeira, soltas na aljava, tinham sido carregadas pela corrente. Sobrara-lhe apenas uma flecha, além do arco que trazia preso ao próprio tronco.

Bem escondido atrás de uma árvore, o caçador atirou, com absoluta precisão, sua única flecha, que, finda sua trajetória mortal, foi cravar-se no coração do pequeno cervo.

Apavorada, a corsa pôs-se em fuga pela floresta, deixando o filhote morto, caído sob o capinzal.

Como não dispusesse de mais flechas, o caçador, desolado, viu a caça fugir sem nada poder fazer.

Copyrighted material

Desesperado, tentou correr atrás do animal, mas em vão; a corsa era muitas vezes mais veloz do que ele.

Desta forma Exu puniu ao caçador e à caça.

O caçador, por ter oferecido apenas a metade do sacrifício exigido, só logrou capturar a metade da caça pretendida e a corsa, por haver, da mesma forma, oferecido só a metade do sacrifício, obteve proteção somente para si e passou pelo dissabor de ver seu filho morto pela flecha do caçador.

Copyrighted material



O Galo e a Chuva

Naquele tempo, o Galo era um grande adivinho e sua fama corria por todo o mundo.

Devoto de Exu, de quem era grande amigo, jamais fazia nada nem tomava qualquer decisão sem antes preceituar o Orixá.

Tendo ouvido falar de seus poderes, o rei de um povoado mandou convidá-lo para lhe fazer uma consulta sobre a grande seca que assolava aquela terra.

Antes de partir, o Galo consultou seu Ifá e lhe foi determinado um sacrifício composto de sete cacetes, sete acarajés, um preá, azeite de dendê, mel e búzios que, de muito bom grado, ofereceu a Exu, seu protetor.

Oferecido o ebó, lá se foi o Galo, levando consigo os sete cacetes do ebó, que Exu lhe dera para servir de proteção.

Copyrighted material

Quando chegou à porta da tal cidade, o porteiro o advertiu de que não poderia entrar sem antes fazer uma declaração sobre sua procedência. Precisavam saber de onde vinha e o que pretendia ali.

Diante do impasse, o Galo, que possuía muito mau gênio, revoltou-se com o que achou uma falta de atenção do próprio rei que solicitara sua presença e, instigado por Exu, tirou de baixo das asas os cacetes que trazia, dando com eles na cabeça do porteiro, o que provocou um grande derramamento de sangue.

Indignado e ferido, o homem rogou-lhe pragas de uma forma tal que, em poucos minutos, os céus se transformaram em tempestade. Roncou muita trovoada, foi um verdadeiro horror!

Debaixo da tempestade seguiu o Galo direto para a casa do rei do lugar que ao vê-lo chegar lhe disse:

– É grande o teu poder! Só a tua presença fez chover abundantemente!

Agradecido pelo aguaceiro, o rei mandou seus servos alimentarem o Galo e dar-lhe um poleiro no fundo da casa, com ordem de o tratarem com grandes reverências e louvores.

Foi a partir deste evento que o Galo ganhou lugar em todas as casas, sendo alimentado e cuidado com muito respeito, devendo, sempre que preciso, cantar bem alto para chamar a chuva e anunciar a chegada do dia.

Copyrighted material



A lebre que adivinhava

Havia, naquele tempo, uma lebre que adivinhava com certa precisão, usando, para isto, grãos de angola.

Ela mesma, consultando para si, viu ser necessário oferecer um sacrifício para Exu, mas, seja por qual tenha sido o motivo, negligenciou sua própria obrigação.

O tempo passou e, certo dia, a lebre foi procurada por uma mulher que queria ter filhos mas que não conseguia engravidar. A lebre, solícita como sempre, consultou seu oráculo e, após interpretar muito bem a caída dos grãos de angola, determinou que a mulher oferecesse, a Exu, um sacrifício composto de diversas frutas dentro de uma cabaça, além de uma garrafa de aguardente e diversos búzios.

Copyrighted material

A mulher, ansiosa para ser mãe, tratou logo de providenciar o ebó e, no dia seguinte bem cedo, lá estava ela, no meio da floresta, arriando sua oferenda.

Invocado, Exu se apresentou para receber a oferenda mas, desconfiado, perguntou à mulher:

– Quem foi que recomendou este sacrifício para que possas parir?

– Foi a lebre, que consultou através dos grãos de angola – respondeu a mulher.

– A lebre, sim, a lebre! Mas como pode ela recomendar sacrifícios se nem o seu ofereceu? A lebre! Ah, a lebre... – resmungou Exu.

E depois de receber a oferenda da pobre mulher, que não tinha culpa da negligência da lebre, Exu embrenhou-se na floresta onde sabia que iria encontrar um bando de caçadores que andavam à procura de preás.

– O que fazem por aqui os amigos? – perguntou Exu aos caçadores, depois de localizá-los.

– Andamos em busca de preás que, depois de abatidos, serão defumados para nosso sustento e de nossas famílias – responderam eles.

– Preás? Mas, pelo que sei, eles andam escassos, não é verdade? – indagou o Orixá.

– Sim, é verdade! Há dois dias que estamos colocando armadilhas por toda esta área e ainda não capturamos um sequer! – queixou-se um dos homens.

– E tudo por causa daquele animal... – envenenou Exu.

– Animal? Que animal? – perguntou afoito o chefe da turma.

– Então não sabes? Não faz muito tempo mudou-se para esta floresta, vindo sabe-se lá de onde, um animalzinho muito voraz que se alimenta exclusivamente de preás. Segundo soube, costuma se estabelecer num lugar de onde só se muda depois de devorar todos os preás que por ali existiam e, provavelmente, ele já deve ter acabado com todos desta região – mentiu Exu, pondo em prática seu plano para punir a lebre.

Copyrighted material

– E é muito grande o tal animal? – perguntaram os caçadores.

– Não! Talvez um pouco maior que o preá... mas sua voracidade, sim, esta é que é enorme e insaciável! É capaz de comer sem parar sequer para dormir e, como já disse, só se alimenta de preás.

– E o amigo por acaso sabe onde poderemos encontrar o tal animal? – perguntaram ansiosos.

– Sim, agora mesmo passei pela sua casa, que fica bem ali adiante, por trás de um pé de grãos de angola.

E os caçadores, recolhendo suas armas, partiram na direção indicada por Exu indo ao encontro da casa da lebre.

Acuado o animal em sua própria toca, foi fácil para os homens abatê-lo e, ao comê-lo, descobrir o quanto sua carne era deliciosa.

Foi desta maneira que Exu puniu a lebre que negligenciou seu próprio sacrifício, fazendo com que o homem, conhecendo o sabor de sua carne, passasse a persegui-la como caça predileta, superior até ao próprio preá.

E a lebre, que se negou a fazer o ebó, de adivinha virou comida para os homens.

Copyrighted material



A fazenda do esquilo

Exu e o esquilo eram muito amigos mas o esquilo era um camponês bastante próspero, o que despertou a cobiça de Exu.

Exu, naquele tempo, era uma espécie de sócio de Ifá. Sua função era enviar consulentes para o parceiro, com a finalidade de obter galinhas para sua alimentação.

A cobiça levou Exu a buscar em Ifá orientação para apoderar-se da propriedade do esquilo.

Um ebó foi determinado: um cabo velho de enxada, uma pedra de esmagar nozes de palma e um jarro cheio d'água. O sacrifício, depois de oferecido, foi despachado nas terras do esquilo.

Vendo que o milho e tudo o mais que era plantado nas terras do esquilo brotava e crescia com muita abundância, Exu queixou-se a Lonfin, rei do país:

Copyrighted material

– O esquilo apoderou-se de minha lavoura! Trabalhamos durante muito tempo como sócios no plantio mas, como as terras onde plantamos são de sua propriedade, expulsou-me delas, me negando qualquer direito aos frutos do trabalho que produzi!

Chamado à presença do rei, o camponês defendeu-se afirmando que Exu jamais havia cultivado um campo.

– Ele jamais trabalhou! – gritava. – ...Tudo o que faz na vida é arrebanhar clientes para Ifá e roubar tudo o que estiver ao seu alcance! A lavoura me pertence. Eu a trabalhei e vou colher os seus frutos!

O rei então enviou alguns investigadores de sua mais alta confiança, para averiguar quem estava mentindo. Somente assim poderia solucionar a questão.

Chegando à roça, os investigadores encontraram o esquilo trepado numa árvore, de onde costumava vigiar.sua propriedade.

– É trepado nesta árvore que cultivas a terra? – perguntaram os enviados do rei.

Exu, que chegava neste momento, solicitou aos investigadores que o acompanhassem, conduzindo-os até o local onde arriara o ebó.

Lá chegando, pegou a pedra manchada de azeite de dendê, dizendo:

– Vêem? Esta é a pedra com que extraio meu próprio óleo dos frutos produzidos por minha plantação. Este é o cabo da enxada com a qual arei minhas terras; de tão usado, quebrou-se. Esta é a jarra onde carrego água para, todas as manhãs, sob o Sol inclemente, molhar minha plantação. Peçam agora ao esquilo para mostrar suas ferramentas!

Solicitado, o esquilo não pôde mostrar seus instrumentos de trabalho pois Exu, momentos antes, havia escondido.

Ao ser informado do resultado da investigação, o rei declarou Exu como legítimo dono da terra e de tudo o que nela pudesse ser colhido.

Revoltado, esquilo disse a Exu:

– Tu és um ladrão! Tu não vales nada! Serás maldito pela vida! Consolo-me em saber que nada mais possuirás que estes campos. Eu conquistarei outras coisas e terei muitos filhos, tu não poderás ter mais nada!

Copyrighted material

Hoje, para viver, o esquilo não precisa de nada mais do que subir em árvores e procriar, ao passo que Exu jamais conseguiu engendrar filhos nem se fixar, por muito tempo, num mesmo lugar.

Copyrighted material



A salvação do macaco

Naquele tempo, o macaco demonstrava ser o maior adivinho do país, sendo, por este motivo, invejado e odiado pelos demais adivinhos, que eram o galo, o carneiro e o bode.

A rivalidade era tão grande que os três aliados viviam esperando uma oportunidade para que se livrassem do macaco, o que não demoraria muito a acontecer.

Certo dia, o macaco, por ordem do próprio rei, saiu em longa viagem para um país distante onde deveria ajudar na solução de diversos problemas.

O macaco, cuidadoso como sempre foi, antes de viajar, consultou seu oráculo e, por prever um grande perigo para a sua própria vida,

Copyrighted material

ofereceu a Exu um ebó composto de nove idés dourados, um preá e um peixe assado.

Alguns dias depois da viagem, o rei adoeceu e, na ausência do macaco, seu principal adivinho, solicitou que os outros três olhadores fizessem, em conjunto, uma consulta para saber que sacrifício deveria oferecer para restabelecer a sua saúde.

Os três sentiram, então, que era chegada a hora de se livrarem, para sempre, da incômoda presença do macaco e, maldosamente, determinaram um ebó no qual era exigido o sacrifício deste animal.

Olofin, imediatamente, ordenou que seus caçadores saíssem na captura do macaco, que, com a ajuda de Exu e graças ao ebó que havia oferecido, conseguiu escapar de todas as armadilhas que lhe foram preparadas.

Frustrados pelo fracasso da empreitada, os caçadores voltaram à presença do rei, sem contudo conduzirem o animal para o sacrifício.

Como o caso era urgente e seu estado de saúde piorava a cada dia, não mais podendo esperar, Olofin resolveu perguntar a Exu o que aceitaria em substituição ao macaco, já que não havia nenhum disponível, e nosso amigo respondeu:

– Na falta do macaco, podes me oferecer em sacrifício os animais que estejam disponíveis, desde que sejam em número de três. Minha preferência seria realmente o macaco mas, como não podes mais esperar, já que teu mal se agrava a cada dia, aceitarei os animais que tiveres mais à mão. Mas avia-te pois Ikú já anda de ronda e quanto mais depressa fizeres o sacrifício, mais seguro será para ti! – disse Exu ao rei.

Imediatamente o rei mandou sacrificar os três animais que tinha no palácio, um galo, um bode e um carneiro, livrando-se, assim, da doença e da morte.

Copyrighted material

Incontinente, Exu transportou-se até o local onde havia escondido o macaco, que, então, livre do perigo e da concorrência, pôde retornar ao palácio onde, até hoje, exerce a função de adivinho.

Desta forma Exu castigou aqueles que, por inveja, tentaram prejudicar alguém que sempre agira com respeito e dignidade, usando seus poderes de adivinho para propagar o bem entre todos.

Por este motivo, até hoje, não se sacrificam macacos para Exu. Todo mundo sabe que ele prefere comer galos, bodes e carneiros.





Copyrighted material



O rei de Ijelú

Exu era pobre como poucos e não possuía, sequer, uma casa para morar. Vivia ao léu, dormindo sob as árvores e caminhando dia e noite sem destino.

Uma vez, Ifá, que era seu único amigo, mandou que Exu fizesse um ebó, para que pudesse obter fortuna rapidamente e de forma imprevista.

Depois de oferecer o sacrifício, Exu empreendeu viagem rumo à cidade de Ijelú onde, segundo lhe disseram, as oportunidades de enriquecer eram muitas.

Chegando lá, nosso herói foi hospedar-se na casa de um morador comum da cidade, contrariando os costumes do lugar que determinavam que qualquer estrangeiro recém-chegado teria que ser acolhido no palácio real.

Copyrighted material

Alta madrugada, enquanto todos dormiam, Exu levantou-se sorrateiramente e ateou fogo às palhas que serviam de telhado à construção em que estava abrigado, depois do quê começou a gritar por socorro, produzindo enorme alarido, acordando desta forma todos os moradores das redondezas.

Diante da multidão que ali se reuniu, Exu gritava e esbravejava, afirmando que o fogo, cuja origem desconhecia, havia consumido uma fortuna enorme que ele trouxera embrulhada em seus pertences e que, como muitos testemunharam, foram confiados ao dono da casa.

Na verdade, ao chegar, Exu havia entregado, ao seu hospedeiro, um grande fardo, dentro do qual, segundo declaração sua, havia um grande tesouro. Nós, contudo, sabemos muito bem que o tal fardo só continha trapos e farrapos.

O importante é que ninguém conferiu o conteúdo do tal fardo, mas sua entrega ao hospedeiro foi testemunhada por inúmeras pessoas do local.

Rapidamente a notícia chegou aos ouvidos do rei, que, segundo a lei do país, deveria indenizar a vítima de todo o prejuízo ocasionado pelo sinistro.

Ao tomar conhecimento do grande valor da indenização e ciente de não possuir meios para saldá-la, o rei encontrou como única solução entregar seu trono e sua coroa a Exu, com a condição de poder continuar, com toda a sua família, residindo no palácio.

Diante da oportunidade, Exu não se fez de rogado e aceitou a proposta do rei. E foi assim que, desde então, passou a ser rei de Ijelú, título que ostenta até hoje.

Copyrighted material



Como Exu e Ifá adquiriram cabeça

Num tempo em que era muito pobre, Ifá consultou seu oráculo para saber de que forma poderia mudar de vida e conquistar a simpatia de rei Metolonfin, que não gostava dele.

Na consulta surgiu Exu, ordenando que Ifá pegasse um cabrito, uma cabaça, todas as frutas redondas que encontrasse e preparasse um ebó que deveria ser levado à sua mãe e entregue com as seguintes palavras:

"Veja, minha mãe, eu nunca recebi desta vida qualquer alegria. O rei deste país não gosta de mim. Exu me disse que oferecesses este sacrifício em meu nome, pois de ti depende a minha sorte nesta vida!".

Ifá, no entanto, respondeu:

– Isto é impossível. Minha mãe não está aqui. Ela partiu há algumas semanas para uma reunião em lugar muito remoto. De que maneira, estando ela ausente, poderei entregar-lhe o ebó?

Copyrighted material

Exu, intervindo, disse:

– Em troca de alguma coisa que me ofereças, reaproximarei tua mãe de ti. Em pagamento, quero um galo e alguns bolos de farinha.

Convencido, Ifá pagou o sacrifício exigido e Exu, durante a noite, procurou sua mãe e lhe disse:

– Teu filho está morto já faz quinze dias e não há ninguém para oficiar seus funerais. Anda, vá ao país de Metolonfin para fazer a cerimônia.

Desesperada, a velha pôs-se a chorar, dizendo:

– Que fazer? Sou tão velha, mal posso andar...

– Dá-me qualquer coisa que te transportarei – disse Exu.

A velha possuía um bode que tinha doze chifres na cabeça e, ao vê-lo, Exu falou:

– Se me deres este bode de doze chifres, te levarei agora mesmo para junto de teu filho.

– Mas este bode não é meu – respondeu a velha. – Ele pertence à Vida. Ele me foi confiado e está sob minha responsabilidade.

– Se não me deres o bode, sem dúvida não poderei te ajudar – sentenciou Exu.

– Tudo bem, carrega-o! Eu já perdi tudo o que tinha para perder, o bode não fará diferença – disse a anciã já sem forças para manter a negociação.

Exu, pegando o bode, matou-o. O sangue que escorria do corpo do animal era fogo que, espalhando-se, cobriu todo o seu corpo.

Aterrorizado com tão estranho acontecimento, foi consultar Ifá e na consulta surgiu Odu, ordenando que os intestinos do bode fossem retirados e oferecidos em sacrifício num caminho qualquer.

Naquele tempo Exu não possuía cabeça e, pegando a cabeça do bode, colocou-a numa panela para cozinhar mas, por mais que atiçasse o fogo, a cabeça continuava crua e intacta. Durante dias e dias Exu

Copyrighted material

insistiu na tentativa de cozinhar a cabeça e por mais que gastasse lenha, nada conseguia.

Cansado, resolveu procurar a mãe de Ifá e, para isto, transportou a cabeça e a carne do animal até o reino de Metolonfin.

Para conduzir a sua preciosa carga, Exu derramou a água nela contida e preparou uma rodilha que depositou sobre os ombros para servir de base à panela que estava completamente enegrecida pela fumaça. A rodilha fixou-se em seus ombros, transformado-se em pescoço, e a panela transformou-se em cabeça.

Exu descobriu então que, agora, como todo mundo, também possuía uma cabeça. E alegre pôs-se a cantar:

– Eu operei uma magia em meu caminho,
assim adquiri uma cabeça!
Eu saí sem cabeça para uma viagem,
retorno agora para casa com cabeça!

Desta forma, chegou diante de Ifá, que também era desprovido de cabeça.

Ao tomar conhecimento do destino do bode, Ifá exclamou revoltado:

– Como? Já paguei a Exu por seus serviços! Ele recebeu de mim o exigido e ainda conseguiu uma cabeça!...

Zangado, preparou seu ebó composto de várias frutas redondas e o entregou à sua mãe para que o conduzisse a Metolonfin.

Entregando as frutas ao rei, a mulher falou:

– Eu venho de muito longe em reconhecimento ao teu nome. Como não sou rica, aceite estas coisas. É tudo o que tenho para te oferecer!

Metolonfin ordenou que a mulher pegasse um mamão e que o cortasse em duas partes iguais. As sementes negras se derramaram, e o mamão, colocado sobre os ombros de Ifá, ali se fixou, transformando-se em cabeça.

Copyrighted material

Notando que a mulher estava cansada, o rei mandou que lhe oferecessem uma esteira, mas ela negou-se a sentar-se na presença de Sua Majestade. Entretanto, de tanto que o rei insistiu a mulher acabou sentando-se sobre algumas almofadas.

Vendo-a acomodada e mais calma, o rei perguntou qual era o seu nome, ao que ela respondeu afirmando chamar-se "Nã". Metolonfin então lhe disse:

– Nã Tahonumeto! (Aquela que coloca uma cabeça nas pessoas).

Depois deste fato, para que as crianças possam receber uma cabeça, as mães devem, durante a gestação, pedir a proteção de Nã Tahonumeto todos os dias.

Ifá tornou-se muito conhecido graças à sua mãe e ao bode de doze chifres que não era outro senão o próprio Sol.

E foi através do fogo misterioso do bode que Exu adquiriu controle sobre as chamas e visão para compreender as mensagens surgidas no Oráculo.

Copyrighted material



o manto negro

Há muito tempo, havia um rei muito malvado que, por qualquer motivo, condenava seus súditos à pena de morte por decapitação.

As injustiças e os crimes por ele praticados eram tantos que Olodumare resolveu mandar Exu verificar o que estava se passando, com ordem de punir o malvado da maneira que bem entendesse.

Exu, disfarçado de alfaiate, chegou à cidade onde se estabeleceu com sua nova profissão.

O tempo passou até que, certo dia, um homem pediu a Exu que lhe fizesse um manto e o Orixá, utilizando uma bela peça de tecido negro como a noite, atendeu mais que satisfatoriamente à encomenda de seu freguês.

Antes de entregar o manto ao seu dono, Exu chamou Ikú, a morte, e exibindo sua obra, lhe fez a seguinte proposta:

Copyrighted material

– Gostarias de possuir este manto?

– Claro que sim! – respondeu Ikú. – Infelizmente não possuo dinheiro suficiente para adquiri-lo. Se tivesse, sem dúvida o compraria agora mesmo!

– Pois este manto poderá ser seu se, dentro de sete dias, vieres buscar a pessoa que o estiver usando – confidenciou Exu.

– É assim? Basta que eu venha buscar dentro de sete dias quem o estiver vestindo para que passe a ser meu? Não tenhas dúvidas, amigo Exu, dentro de sete dias virei buscar o manto e quem estiver dentro dele! – respondeu a morte ansiosa.

E Ikú retornou ao mundo dos mortos, contando os dias que faltavam para que pudesse vestir seu belo manto.

No dia seguinte o freguês veio buscar a encomenda e mostrou-se muito satisfeito com o trabalho do novo alfaiate.

– Recomendarei teus serviços a todos os meus amigos. Tenho certeza de que gostarão. Sou muito bem relacionado e posso te conseguir uma boa clientela! – disse o homem agradecido pelo trabalho.

– Se é verdade que me podes ajudar... – disse Exu, – ...gostaria que, vestido com este manto, fosses passear nas imediações do palácio real, de forma que o próprio rei pudesse admirar minha obra e, desta forma, tornar-se meu cliente.

– Sim, é claro! Irei passear diante do palácio e, se me perguntarem quem me fez o manto, darei o teu endereço!

E cheio de boas intenções, lá se foi o homem desfilar diante do palácio real.

Ora, o rei tinha um filho, rapazinho de 16 anos, cheio de vontades e de péssimo caráter. Ruim como seu próprio pai. O rei jamais negara nenhum pedido ao filho. Fazia todas as suas vontades. Atendia a todos os seus caprichos e ai daquele que ousasse contrariar o príncipe! Logo teria a cabeça separada do corpo.

Copyrighted material

E quem viu o homem com o manto feito por Exu não foi o rei, mas seu herdeiro.

– Pai! Pai! Quero para mim o belo manto negro que aquele homem está vestindo! – pediu o jovem apontando na direção do infeliz que passava distraído.

Imediatamente o rei mandou prender o homem e, inventando uma desculpa qualquer, condenou-o à morte por decapitação. Desta forma seu filho poderia usar o manto sem que ninguém reclamasse sua propriedade. E o príncipe vestiu a roupa, que não tirou mais do corpo.

No dia da execução, Ikú foi chamado para levar o condenado; esta era a sua missão.

E, na hora marcada, todos vieram ao patíbulo, inclusive o príncipe com seu manto novo. Jamais perdera um espetáculo como aquele e não seria naquele dia em que poderia exibir a todo o povo sua roupa nova que haveria de faltar.

Ikú, chegando ao local e vendo o manto, lembrou-se da promessa de Exu e, agindo com extrema presteza, pegou o alfanje das mãos do carrasco, decepando a cabeça do príncipe e, arrancando do corpo já sem vida o manto negro confeccionado por Exu, vestiu-o imediatamente.

O povo, que vivia insatisfeito com o tirano, vendo o que se passava, pensando tratar-se de uma revolução, invadiu o patíbulo, matando também o rei e libertando o prisioneiro, que foi, por eles mesmos, coroado rei. E foi assim que Exu puniu o déspota, eliminando-o e à sua descendência para que um novo monarca pudesse reinar com justiça sobre aquele povo até então oprimido.

É por isto que, ainda hoje, Ikú se veste com um manto totalmente negro, presente de Exu por um pequeno favor prestado.

Copyrighted material



A praga de ratos

Houve um tempo em que os ratos infestaram a Terra de tal forma que a sobrevivência da humanidade encontrava-se em risco.

De nada adiantava construírem-se celeiros. Por maior que fosse a quantidade de pedras colocadas em suas paredes, os roedores cavavam túneis subterrâneos e, através deles, entravam nos depósitos para devorar toda a comida que o homem armazenava para seu próprio consumo.

As lavouras estavam, também, sendo dizimadas. Os ratos devoravam os brotos e as sementes e, desta forma, a fome e a morte se avizinhavam da população.

Sem saber mais o que fazer, o rei prometeu que daria a mão de sua própria filha, além do título de vice-rei do país, como prêmio a quem conseguisse acabar com aquele mal.

Copyrighted material

Exu, que na ocasião passava pelo local, tomou conhecimento do problema e, interesseiro como ele só, atraído pelos prêmios, resolveu entrar em ação.

A primeira coisa que fez foi o reconhecimento da real situação e, apavorado, constatou que, para cada habitante da cidade, já existiam mais de cem ratos.

Soube também que as ratoeiras já não surtiam efeito, pois os animais as reconheciam e, desta forma, não delas se aproximavam.

Exu resolveu, então, marcar uma audiência com o líder dos ratos e foi, pessoalmente, falar com ele.

– Por que não deixas em paz este povo? Não vês que se teus filhos e parentes continuarem a agir como vêm agindo em pouco tempo nada mais restará deste reino e que sem alimentação todo o povo morrerá de fome?

– Este problema não é meu, mas deles! Sempre fomos escorraçados e eliminados sem piedade pelos homens e agora que estamos em vantagem vens pedir que tenhamos pena deles? Continuaremos nossa campanha. Agora que aprendemos a cavar túneis, será difícil para os homens nos derrotarem! – respondeu o ratão.

Desolado com a resposta Exu foi embora. Precisava encontrar uma solução para o problema e, pela resposta obtida, tinha a certeza de que não havia nenhuma possibilidade de se chegar a uma solução pacífica.

Depois de pensar por algum tempo, Exu teve uma idéia que poderia ser a solução do problema.

Na periferia da cidade passava um rio caudaloso próximo do qual os moradores haviam construído um templo, onde cultuavam Oxun. Em decorrência da escassez de alimentos, o culto vinha sendo negligenciado pelo povo. Se mal tinham o que comer, como poderiam fazer oferendas a Orixá?

Reunindo o corpo sacerdotal e o rei, Exu mandou que oferecessem, à Iabá, uma gamela cheia de frutas variadas, além de muitos obís.

Copyrighted material

– Como poderemos dar frutas e obís a Oxun se mal temos para o sustento de nossos filhos? Ela há de entender as dificuldades que estamos vivenciando! – disse o rei, desaprovando a idéia de Exu.

– Façam o que estou mandando e verão como, em pouco tempo, estarão livres da praga de ratos! – ordenou nosso herói.

Embora duvidando do resultado, os homens resolveram oferecer o adimú, marcando a cerimônia para o dia seguinte.

Imediatamente, Exu partiu para a casa de Oxun.

– Ore Iyeye, oh! – saudou com grande reverência, curvando-se diante da bela senhora.

– Salve, Exu! – respondeu a Iabá confortavelmente instalada sobre grandes almofadas de brocado dourado. – O que desejas aqui, tão longe de teus domínios?

– Vim para participar da grande homenagem que o povo da cidade fará em teu louvor, amanhã pela manhã. Então não sabes que oferecerão um grande adimú em tua honra?

– Não, não sei de nada. Aliás, já faz muito tempo que os deixei de lado por não me prestarem os devidos tributos! – respondeu, com ar de desprezo, a Deusa dos Rios.

– Como assim? – perguntou Exu. – Aquelas pessoas, apesar das dificuldades que vêm enfrentando, jamais deixaram de te reverenciar e fazer oferendas. Acontece, no entanto, que a cidade está assolada por ratos e, logo que arreiam alguma comida para ti, são eles, os ratos, que a devoram, não dando tempo sequer de tomares conhecimento!

– Os ratos? Mas são tantos assim? – indagou a Senhora.

– Muito mais do que podes imaginar – confirmou o visitante. – Observa, amanhã mesmo, se o que te digo não é a mais pura verdade!

Depois de conversar mais um pouco, Exu despediu-se de Oxun, partindo direto para a casa do líder dos ratos.

Copyrighted material

– O que desejas de novo em minha casa? Já sabes qual é minha posição e se vens tentar convencer-me a voltar atrás, devo dizer-te que estás perdendo tempo! – foi logo dizendo a ratazana.

– Não, não quero convencer-te a nada. Desejaria, no entanto, receber um favor de tua parte – disse Exu.

– E que favor é este? – perguntou o rato. – Fala logo pois estou com muita fome!

– É que os moradores da cidade vão oferecer, amanhã bem cedo, um adimú para Oxun e, para que isto se tornasse possível, reuniram as últimas frutas e os últimos obís que possuíam para dá-los à Iabá. Gostaria que, em respeito ao sacrifício e à própria Oxun, não comessem o tributo que será ofertado! – suplicou Elegbara.

– Frutas e obís?... Sim, é claro! Frutas e obís para Oxun! Fica tranqüilo, não atrapalharemos o ritual... – tranqüilizou o roedor. – Frutas e obís, hein?

– Fico-lhe muito grato amigo rato! Tenha um bom dia! – e, assim falando, Exu foi-se embora da casa do glutão.

No dia seguinte, pela manhã, os homens dirigiram-se ao templo onde, dentro de gamelas e cabaças, depositaram as oferendas, com grandes louvações à Oxun.

A Iabá e Exu, escondidos nas cercanias, a tudo assistiam.

Tão logo os homens se retiraram, os ratos, saindo de inúmeros buracos, atacaram a oferenda, devorando em questão de minutos o que era reservado a Oxun.

– Estás vendo? – perguntou Exu. – Não é verdade o que te contei?

– Sim! – exclamou Oxun sem disfarçar sua indignação. – Como são ousados estes bichos! Tratarei deles imediatamente!

Dali mesmo onde se encontrava, Oxun lançou um apelo ao Orun e, na mesma hora, uma chuva muito forte começou a se abater sobre o lugar.

As águas do rio, engrossando, abandonaram o seu leito, inundando tudo. Cidade, campo, plantações e pastos foram cobertos por elas e,

Copyrighted material

como não poderia deixar de ser, as tocas e os túneis onde se escondiam os ratos ficaram alagados.

A esta altura Exu já havia reunido a população e todos, homens, mulheres e crianças, armados de paus e pedras, abatiam, sem dó, os ratos, que, desesperados, nadavam na superfície, e desta forma os que não morreram afogados, pereceram sob os golpes dados pelos cidadãos.

Dois dias depois, as chuvas pararam e as águas voltaram ao seu nível normal. Para felicidade de todos, não havia um único rato vivo em toda a região.

As bodas foram comemoradas na semana seguinte e desta forma Exu, tendo livrado a cidade dos ratos, pôde casar-se com a princesa e ser nomeado vice-rei daquele povo.

Copyrighted material



A última palavra

Houve um tempo em que os macacos falavam exatamente como os homens.

A única coisa que os diferenciava, além da aparência, era o fato de os macacos não andarem eretos. Para caminharem, precisavam sempre do apoio dos braços e, desta forma, andavam de quatro, ao passo que os humanos caminhavam elegantemente sobre as duas pernas.

Insatisfeitos, foram procurar Olodumare para apresentarem sua reivindicação. Não se importavam de manterem a aparência animalesca, de terem os corpos cobertos por pêlos e de possuírem caudas. Queriam, assim como os homens, caminhar elegantemente sobre as duas pernas.

Depois da audiência, o Grande Deus mandou que Exu se encarregasse do problema e, desta forma, foi marcada uma reunião entre ele e os macacos.

Copyrighted material

– Com que então desejam andar como os homens, apoiados apenas nas duas pernas? – perguntou Exu.

– Sim, esta é a nossa intenção! Afinal de contas somos muito parecidos com eles e, como jamais pedimos nada ao Criador, resolvemos, em assembléia, reivindicar o direito de caminharmos como os seres humanos! – respondeu o líder da macacada.

– Os homens foram criados à imagem e semelhança de Nosso Pai! – prosseguiu Exu. – Possuem, é verdade, um sem-número de atributos que os tornam superiores a todos os animais. Contudo, isto lhes traz um ônus muito grande. Não é de graça que os homens desfrutam de tantos privilégios.

– Não vejo de que forma são onerados! – rebateu o macaco. – Possuem fêmeas como nós, reproduzem-se como nós, fabricam armas, com as quais impõem seu domínio. Em que, afinal de contas, consiste este preço a que te referes?

– Serias capaz de descrever-me como foi o teu dia de ontem? – perguntou Exu com ar de astúcia.

– Bem, ontem... deixa ver... – disse o macaco em reflexão, – ontem acordei aos primeiros raios do Sol, colhi alguns frutos silvestres para minha alimentação, fui ao rio, bebi e banhei-me em suas águas e depois brinquei com meus companheiros. À noite recolhi-me no galho mais alto de uma grande árvore onde, em segurança, adormeci junto com minha fêmea e meus filhotes.

– E anteontem, como foi teu dia? – indagou o Orixá.

– Exatamente igual a ontem! – respondeu o animal.

– E na semana passada, como foi? – insistiu Elegba.

– Igual! Todos os meus dias são iguais! – protestou o macaco. – Mas o que isto tem a ver com nosso desejo de caminhar sobre dois pés?

Sem perder a calma Exu prosseguiu com seu interrogatório.

– E teus companheiros, como têm sido os dias deles? O que têm feito durante todo o tempo?

Copyrighted material

– Exatamente o que eu faço. Comem, bebem, brincam, acasalam-se, sobem em árvores. Estas coisas que nós macacos sabemos fazer muito bem.

– E nunca trabalhaste? Nem eles, nunca trabalharam? – indagou Exu.

– Claro que não! Trabalho é coisa para os homens e não para nós, simples animais!

– Mas é este, exatamente este, o tributo pago pelos homens pelos seus privilégios. O trabalho! Para usufruírem de tudo o que possuem, e até mesmo do poder que têm sobre todos os animais, precisam trabalhar, e muito! Não passam todo o tempo na ociosidade e no desfrute, como tu e teus irmãos. Os homens trabalham e por isto são diferentes! – explicou Exu com muita serenidade.

– Não abriremos mão de nosso direito à ociosidade! – protestou o mono. – Mas isto não significa que não continuemos a exigir o direito de andar sobre duas pernas, como os homens!

Neste momento a assembléia começou a protestar com muita veemência. Os macacos pulavam e gritavam palavras de ordem. Queriam, porque queriam, ser iguais aos seres humanos. Segundo acreditavam, isto era um direito inalienável.

– Silêncio! – ordenou Exu. – Se desejam obter o direito de andar sobre as duas pernas terão que renunciar a um privilégio qualquer. Concordam em ter que trabalhar como fazem os seres humanos?

Nova algazarra se formou na platéia ululante, deixando claro que era intenção de todos continuar vivendo como sempre viveram, na ociosidade.

– Abrem mão, então, da reivindicação que apresentam de andar sobre duas pernas somente? – indagou novamente o Orixá.

– Jamais! Queremos ser como os homens! – bradaram os macacos em uníssono.

– Muito bem! – disse Exu tentando acalmar a turba. – Se é assim que querem, assim será! Passarão a caminhar eretos, como os seres huma-

Copyrighted material

nos mas, para que isto aconteça, é necessário que renunciem a um privilégio qualquer, ou querem que eu mesmo decida?

E o deputado dos macacos falou, em nome de todos:

– Desde que não nos seja imposta a obrigação de trabalhar, renunciaremos a qualquer outro privilégio para podermos caminhar com a elegância dos homens!

– E esta é tua última palavra? – perguntou novamente Exu.

– Sim! Esta é minha última palavra! – reiterou o líder.

– Pois que assim seja! – sentenciou Exu. – Ergam-se e caminhem sobre dois pés!

E todos os macacos puseram-se de pé. E pularam, e dançaram, e abraçaram-se efusivamente.

Exu, sem arredar pé de seu posto, assistia, divertido, à comemoração.

Foi somente algumas horas depois que o líder dos símios lembrou-se de agradecer a Exu pela concretização do grande sonho e, aproximando-se, curvou-se respeitosamente e disse:

– Hu! Hu! Hummmm!

Espantado, tentou novamente:

– Hu! Hu! Hummm!

As comemorações cessaram. Todos os macacos, tentando agradecer, emitiam apenas grunhidos que de longe pareciam com as frases que sabiam elaborar minutos antes.

Grunhidos... apenas grunhidos. Os macacos, por arte de Exu, haviam abdicado do direito de falar, ao concordarem que aquelas seriam suas últimas palavras.

É por este motivo que, ainda hoje, sempre que pressentem a presença do homem os macacos emitem grunhidos e, apoiando-se sobre as pernas, imitam a maneira de caminhar dos humanos.

E é por isto também que os homens jamais conseguiram fazer com que os macacos trabalhassem, apesar da sua força e da sua inteligência.

Copyrighted material



As luzes do firmamento

Naquele tempo a Terra vivia na mais completa escuridão. Não existiam fontes naturais de luz e, a humanidade, para poder enxergar, utilizava tochas e fogueiras.

O dia não existia e, por sua falta, não havia também a noção de noite. Tudo eram trevas, somente trevas.

A humanidade, triste e sombria, vivia amedrontada e escondida das feras, que, mais bem capacitadas para enxergar na escuridão, representavam um risco permanente. Sem o fogo por perto o homem era presa fácil dos predadores e a raça humana, por este motivo, corria o sério risco de desaparecer do planeta.

Foi então que Olodumare, diante do perigo iminente, resolveu criar o Sol, a Lua e as estrelas, e separar os dias das noites para que os homens pudessem trabalhar e descansar em cada um dos diferentes períodos.

Copyrighted material

Concedeu ao dia 12 horas e, à noite, um tempo idêntico. Desta forma, os seres humanos teriam o mesmo tempo para desenvolverem as suas atividades e para descansar.

No momento em que Deus resolveu criar os luzeiros, chamou Exu, dando-lhe a seguinte ordem:

– Exu, resolvi criar fontes naturais de luz para que a Terra possa ser iluminada de dia e de noite. Devo criar um luzeiro bem forte que, além de luz, gere calor e energia para os homens. Esta luz ficará acesa por um período de 12 horas e a este período será dado o nome de dia.

Um outro período, também de 12 horas, servirá para que os homens repousem e restabeleçam suas forças; deverá ser iluminado por uma luz mais suave, que não emita calor, para que meus filhos desfrutem de frescor durante seu descanso. A este período chamaremos noite.

À grande fonte de calor e da luz dos dias chamaremos Sol e as que irão brilhar durante as noites serão chamadas Lua e estrelas.

Agora vai! Lança mão do material que achares mais conveniente para a execução desta missão e traga-o para mim. Quero, eu mesmo, dar forma àquilo que estou planejando.

Exu partiu em direção à Terra. Sentia-se feliz pela confiança que o Criador nele depositara, mas não tinha a menor idéia do tipo de material que deveria recolher.

Foi então que, no caminho, encontrou-se com Ikú, que coincidentemente passava por ali.

– O que fazes por estas bandas? – perguntou a morte, que sabia não ser hábito de Exu freqüentar a Terra.

– Venho da casa de nosso pai Olodumare onde fui atendendo a uma solicitação dele mesmo! – respondeu Exu envaidecido.

– E pode-se saber do que se trata? – indagou Ikú curioso.

– Claro! – respondeu Exu. – Aliás, foi até bom te encontrar. Estou encarregado de recolher material sobre a Terra para que nosso Pai,

Copyrighted material

Olodumare, possa fabricar um grande luzeiro para iluminar os dias, e muitos outros, menores, para as noites. Sei que a missão é árdua e não tenho a mínima idéia de que tipo de material se possa usar! Não estarias disposto a me ajudar nesta tarefa?

– Como não? – disse Ikú mostrando solicitude. – Acho até que já pensei no material ideal para a confecção dos tais luzeiros. Presta atenção: como pediste a minha ajuda e sendo eu teu amigo, gostaria de sugerir que dividíssemos as funções. Desta forma ninguém ficará onerado de trabalho.

– Concordo! – aquiesceu Exu. – Como queres dividir o trabalho e que tipo de material haveremos de recolher?

– Bem, não é justo que eu fique com mais trabalho do que tu. Afinal de contas, sou apenas teu auxiliar – ponderou Ikú. – Assim sendo, ficarás encarregado de recolher o material para os luzeiros noturnos, que serão em maior número, enquanto eu recolho o material para o luzeiro diurno. Concordas?

– Perfeitamente! – disse Exu agradecido. – E que material devo recolher, segundo tua idéia?

– Primeiro deverás capturar tantas aves quantas puderes, sacrificá-las e recolher o seu sangue numa grande talha de barro. O mesmo deverá ser feito com todos os mamíferos que puderes pegar. O sangue das aves não deverá ser misturado com o dos mamíferos que, por este motivo, deverá ser depositado num outro recipiente bem grande – explicou Ikú.

– E o que usarás para a confecção da fonte de luz diurna? – perguntou Exu.

– Isto é problema meu! Cumpre com tua parte que saberei cumprir com a minha. Agora devemos nos separar para realizarmos os nossos trabalhos. Quando decorrerem sete dias, devemos encontrar-nos diante de nosso Pai, cada um de nós com o material por ele solicitado – e assim falando, Ikú despediu-se de Exu.

Copyrighted material

Durante toda a semana Exu capturou todos os quadrúpedes e todas as aves que pôde, sacrificou-os e guardou os seus sangues em duas talhas, uma para cada tipo de animal.

Decorrido o tempo combinado, reuniram-se todos diante do trono de Olodumare e Ikú trazia uma grande talha de barro, idêntica às trazidas por Exu, e cheia até a borda... de sangue!

Espantado, Exu perguntou:

– Não deveríamos trazer materiais diferentes para que os planos de nosso Pai pudessem ser concretizados? Recolhi sangue de aves e de mamíferos. Que sangue é este que trazes na tua talha?

– Sangue de mamíferos! – exclamou o outro.

– Mas é exatamente isto que trago na minha segunda talha! Como pode? – exclamou Exu sem nada entender.

– Trazes sangue de mamíferos do reino animal. Os mamíferos que peguei e sacrifiquei são do reino humano. É sangue dos homens o que estou trazendo!

– Não esperava que fosses aproveitar-te desta situação para promover tamanha mortandade! – indignou-se Exu. – Doravante andarei no teu encalço e, sempre que puder, evitarei que tires a vida e o sangue dos seres humanos!

As três grandes talhas foram levadas ao fogo e, depois de cozidas, seus conteúdos foram transformados em pó.

Com o sangue das aves, Deus fez as estrelas.

Com o sangue dos animais mamíferos, fez a Lua.

Com o sangue dos homens, criou o Sol.

Exu e Ikú tornaram-se inimigos para sempre e, depois disto, sempre que pode, Exu poupa as vidas dos homens perseguidos por Ikú, enganado-o com o sacrifício de aves e animais de quatro patas.

Copyrighted material



O escravo lançado às águas

Um certo mancebo era escravo de um homem muito cruel que o submetia, sem piedade, a todo tipo de humilhações e trabalhos pesados.

Cansado de sua triste sina, o jovem resolveu consultar Ifá e na consulta lhe foram dadas ordens para fazer um ebó em honra de Exu. Somente assim sua sorte poderia melhorar.

Com muito sacrifício, o pobre escravo reuniu os ingredientes e embrenhou-se na mata para fazer o ebó.

Logo depois que o jovem se ausentou, seu senhor chamou-o para lhe dar uma ordem e, como estivesse muito distante, o rapaz não respondeu ao seu chamado.

Enfurecido, o malvado saiu à procura de seu servo e, embrenhando-se na floresta, surpreendeu-o no momento exato em que fazia sua oferenda.

Copyrighted material

– O que fazes aqui tão distante de casa e do trabalho? – perguntou o amo. – Julgas por acaso que te alimento para que fiques perdendo tempo dentro da floresta?

– Senhor... – retrucou o jovem, – ...não estou desperdiçando tempo. Aproveitei minhas horas de folga para fazer uma oferenda a Exu, para que minha sorte melhore!

– Então verás o quanto tua sorte vai mudar cultuando Exu! Só não sei se será para melhor – disse o malvado cheio de rancor. – Aprenderás hoje o que reservo para escravos relapsos e mandriões como tu!

Ato contínuo, manietou o escravo e conduziu-o, aos pontapés, de volta para a fazenda.

Lá chegando, o homem levou o escravo até a beira do rio onde havia, já há muito tempo, uma grande caixa de madeira muito bem vedada.

Obrigando o infeliz a entrar na caixa, pregou a tampa e, em seguida, lançou-a às águas revoltas.

A caixa foi arrastada pela correnteza e levada até o mar, em cujas águas ficou flutuando ao sabor das ondas.

Conduzida por uma forte corrente marítima, a caixa foi levada até uma praia, num país muito distante, onde finalmente encalhou.

Alguns pescadores que se encontravam naquela praia trataram logo de recolher o caixão e de abri-lo na esperança de encontrarem, no seu interior, algum tesouro.

Enquanto isso, na capital daquele país, falecia o seu rei.

Depois dos funerais de praxe, os adivinhos reais consultaram o oráculo para saber quem iria ocupar o trono, já que o falecido não havia deixado herdeiros.

Ora, todos nós sabemos que é Exu quem fala nos oráculos e, no caso, ao ser indagado sobre quem seria o novo rei, respondeu:

– Aquele que surgir das águas deverá ser coroado, para que reine sobre vós, com justiça e sabedoria!

Copyrighted material

Sem condições de interpretarem a charada proposta por Exu, os sacerdotes ordenaram que se procurasse, por todo o reino, um homem que tivesse nascido dentro d'água.

Os pescadores, após abrirem a grande caixa, foram tomados de grande indignação. Em vez de ouro e pedrarias, o que havia em seu interior era um homem semimorto e, ainda por cima, acorrentado.

Tratar-se-ia, sem dúvidas, de algum criminoso que, depois de julgado, fora condenado àquele castigo.

Resolveram, então, conduzir o prisioneiro até a capital do país onde seu velho rei, que acumulava as funções de juiz, determinaria qual seria o seu destino e, se assim decidiram, assim fizeram.

O que os humildes pescadores desconheciam era a morte de seu rei.

Somente quando chegaram ao palácio tiveram notícia do falecimento do monarca e da indicação feita por Exu sobre o seu substituto e só então compreenderam o valor de sua carga.

Levado à presença do sumo sacerdote, o prisioneiro narrou sua desdita e a forma como viera parar naquele país, tão distante de sua terra natal.

Agora, sim, os adivinhos puderam entender a mensagem de Exu: "Aquele que surgir das águas deverá ser coroado, para que reine sobre vós, com justiça e sabedoria."

Estavam diante do novo rei, que, conforme dissera Exu, surgira das águas.

Uma grande festa foi organizada para comemorar a coroação e, desta forma, o ex-escravo pôde ver, como dissera seu malvado amo, o quanto sua sorte pôde melhorar por haver cultuado Exu.

Copyrighted material



O sapo derrota o búfalo

O búfalo disputava com o sapo o amor de uma mesma mulher.

As opiniões se dividiam sobre qual dos dois sairia vencedor, conquistando o coração da pretendida. Se o búfalo era forte e de aparência magnífica, o sapo, apesar de feio e disforme, possuía muita inteligência, além de ser muito bom cantor.

Resolveram, então, deixar a decisão a cargo do pai da pretendida que, conhecedor das qualidades dos candidatos a genro, ficou hesitante, sem saber em favor de quem deveria decidir-se.

Foi então que, depois de avaliar muito bem os dois candidatos, o futuro sogro de um deles resolveu estabelecer uma prova. Aquele que se saísse melhor seria aquinhoado com a mão de sua bela filha.

Reunindo os dois candidatos, o velho pai disse:

Copyrighted material

– Darei a mão de minha filha àquele, dentre vós, que primeiro trouxer uma quantidade de palha suficiente para cobrir a casa que estou construindo em minhas terras e que deverá servir de residência para minha filha e seu marido!

A disputa ficou marcada, então, para dali a três dias.

O búfalo dizia feliz:

– O sapo é muito pequeno e, conseqüentemente, não poderá carregar uma grande quantidade de palha de uma só vez. Eu, ao contrário, sou grande e forte e, assim sendo, sou capaz de carregar, de uma só vez, toda a palha necessária para cobrir a casa. Sem dúvida serei o escolhido!

Consciente de suas limitações e reconhecendo estar em desvantagem o sapo resolveu recorrer à ajuda de Exu, com quem marcou uma entrevista:

– De que forma podes me ajudar, Exu? Não tenho condições de concorrer com o búfalo na prova proposta pelo pai de minha amada. Meu adversário é muito maior e mais forte que eu. Tem condições de carregar de uma só vez uma quantidade de palha que eu não transportaria nem em cem viagens! Com certeza vou perder a mão da mulher que amo! – disse o sapo choroso.

– Primeiro é necessário que confies em mim! – contestou Exu. – Depois, deverá me trazer, ainda hoje, a importância de 77 caurís.

O sapo retirou-se apressado e, poucas horas depois, já estava de volta com a importância pedida, entregando-a a Exu.

Exu separou, para si mesmo, sete caurís, entregando os restantes setenta ao sapo, com a recomendação de comprar comida suficiente para oferecer, naquela mesma noite, um jantar a todos os seus parentes que habitavam os inúmeros lagos e lagoas existentes na região. Outras orientações foram dadas por Exu ao seu cliente, que, mais confiante, retornou à sua própria casa.

Naquela mesma noite o sapo reuniu em sua casa para o jantar encomendado por Exu uma enorme quantidade de primos, primas, sobri-

Copyrighted material

Hidden page

– Estou aqui!

Reunindo todas as suas forças, num esforço sem precedentes, o búfalo disparou em direção à fazenda, passou pela porteira, atravessou o pátio da casa principal e, chegando em frente à construção, deparou-se com um enorme monte de palha que o sapo e seus parentes, todos muito parecidos, haviam ali depositado, enquanto outros, espalhados pelo caminho, respondiam às chamadas do búfalo para fazê-lo crer que seu adversário o acompanhava de perto durante todo o trajeto.

Sobre o monte de palhas, confortavelmente instalado e de mãos dadas com sua futura esposa... o sapo!

Inconformado com a derrota, o búfalo foi tomado de grande fúria e, assim, investiu contra as grossas árvores ali existentes e, após desferir contra elas violentas cabeçadas, caiu morto no chão.

E todos os que assistiram à disputa diziam:

– O sapo mediu forças com o búfalo! O sapo mostrou ser mais forte que o búfalo!

E antes de terminarmos nossa narrativa, cabe-nos dizer:

Foi graças a Exu que o sapo matou o búfalo! E nem precisou de faca para abatê-lo!

Copyrighted material



O castigo de Oxóssi

Havia, naquele tempo, um país dominado pelo medo.

Por causa de uma maldição lançada sobre aquele povo por uma poderosa e malvada Ajé, todas as vezes em que o mocho piava, alguém morria. Da mesma forma, todas as vezes em que o antílope lançava o seu brado, Ikú carregava alguém para o reino dos mortos.

O pavor já imperava de tal forma que ninguém mais se atrevia a sair de suas casas e, por este motivo, todas as atividades produtivas foram abandonadas e, por isto, os alimentos escasseavam.

Aos habitantes só restava uma alternativa: abandonarem suas propriedades, mudando-se para um outro lugar qualquer, fora do alcance da maldição.

Um dia Exu chegou por aquelas bandas e, vendo o desespero do povo, reuniu o conselho de anciãos, recomendando-lhes que contratas-

Copyrighted material

sem os serviços de Oxóssi, uma vez que os animais eram por demais ariscos e, sempre que pressentiam a presença de um caçador, refugiavam-se na floresta.

– Só Oxóssi... – recomendava Exu – ...será capaz de abater os animais encantados pela feiticeira!

Sem outra opção, os anciãos convocaram a presença de Oxóssi, que exigiu em pagamento por seu trabalho uma grande quantidade de caurís.

E os homens foram obrigados a aceitar suas exigências.

Reunido com Exu, Oxóssi colheu mais informações sobre os animais que se dispunha a abater.

– Como disseste, Exu, estes animais são por demais ariscos e sabem quando algum caçador está a tocaiá-los. De que forma deverei agir para que não se apercebam de minha presença?

Deves mandar construir, em algum lugar da floresta, uma cabana completamente revestida de cacos de objetos de cerâmica. Entrarás na construção, que deve ser desprovida de janelas e, quando estiveres em seu interior, mandarás fechar a entrada com uma parede idêntica às demais paredes da choupana.

Tudo foi feito de acordo com as orientações fornecidas por Exu, que, em troca, exigiu que o caçador lhe desse uma parte dos caurís que iria receber por seu trabalho.

– Não vejo nenhum motivo para dividir contigo o fruto do meu trabalho! – protestou o Odé. – Por acaso não serei eu quem ficará encerrado dentro de um casebre sem portas e janelas, com a incumbência de lançar flechas para abater animais que nem sequer estarei vendo? Sinto muito, Exu, mas se queres dinheiro, trata de trabalhar!

Depois do passa-fora dado em Exu, Oxóssi se fechou na cabana, onde ficou aguardando a aproximação dos animais.

Assim que escureceu, o mocho pousou no galho de uma árvore próxima ao esconderijo e Oxóssi, guiado apenas pelo ruflar de suas asas,

Copyrighted material

lançou uma flecha que, atravessando as palhas que serviam de telhado à choupana, foi cravar-se, certeira, no coração da ave, que, sem emitir um só pio, caiu ao solo fulminada.

A noite transcorreu sem mais novidades mas quando, na aurora, o Sol tingiu de vermelho os céus, logo às primeiras luzes, o antílope saiu de seu esconderijo em busca de alimento. Orientado pelo ruído do roçar de seu corpo nas folhas do bosque, o caçador lançou sua segunda flecha, que, após atravessar as palhas do telhado, foi ferir de morte o coração do animal. O antílope, como o mocho, estava morto, e o povo, livre da maldição.

Cerca de meia hora depois as pessoas, sempre amedrontadas, aproximaram-se do abrigo do caçador e a primeira coisa que viram foram os animais mortos, cada um com uma flecha cravada no peito.

– Viva! – gritaram numa só voz. – Salve Oxóssi, que nos livrou dos animais que estavam nos matando!

– Um momento! – alertou Exu. – É preciso que tenhais muito cuidado com este caçador. Afinal de contas, da mesma forma como abateu o mocho e a coruja, mesmo sem vê-los, pode, com precisão absoluta, lançar uma flecha que, penetrando por uma das janelas do palácio, irá matar o vosso rei!

– Sem dúvida! – concordaram os mais velhos. – O que faremos então para nos livrar deste novo perigo?

– Basta que escondais todas as flechas existentes no país. Depois disto, e somente depois disto, podereis abrir as paredes da cabana para dar-lhe liberdade. Aí então, deveis expulsá-lo da cidade e persegui-lo por muitos quilômetros, floresta adentro, para que nunca mais se disponha a voltar aqui!

E aqueles homens, mal-agradecidos que eram, agiram segundo as orientações de Exu, expulsando do país, sem um único caurí, o seu benfeitor.

Copyrighted material

Desta forma, Exu se vingou de Oxóssi, que se negou a dividir com ele a oferenda.

Por este motivo, sempre que se oferece alguma coisa a qualquer Orixá, separa-se uma pequena parte para Exu, evitando assim que, com suas manhas, expulse o Orixá para bem longe de nós.

Depois disso Oxóssi nunca mais teve paradeiro. Evitando os locais freqüentados por muita gente, prefere, antes, a segurança das florestas.

Copyrighted material



A morte do sábio

Era uma vez um homem muito sábio que servia de conselheiro e orientador a todas as pessoas da localidade em que morava.

Durante muitos e muitos anos o homem ali viveu, mas o tempo, inclemente, transformou-o num ancião, sem forças sequer para locomover-se.

Exu sempre nutrira muita simpatia por ele e procurava ajudá-lo em tudo o que fosse necessário.

Certo dia o sábio adoeceu gravemente e sua morte já era aguardada a qualquer momento.

– Este homem não pode morrer, pelo menos enquanto não houver um substituto para ele.

E, assim pensando, Exu arranjou um jovem de muito boa índole, ao qual o velho passou a ensinar tudo o que sabia.

Copyrighted material

Mas o estado de saúde do velhinho se agravava a cada dia e, certa noite, Exu deparou-se com Ikú, numa estrada que conduzia àquele vilarejo.

– O que fazes por aqui? – perguntou ao caminhante.

– Fui avisado de que nesta aldeia existe um homem muito velho e doente e vim buscá-lo para levá-lo para Ló, a terra dos mortos! – respondeu Ikú.

– Mas levá-lo logo agora que está preparando um substituto para si mesmo? São necessários mais alguns dias para que o seu discípulo esteja pronto. Não poderias ir embora e voltar dentro de sete meses para buscá-lo?

– É claro que não! – respondeu Ikú de forma incisiva. – Então achas que vim de tão longe, fiz uma penosa caminhada para voltar de mãos abanando? Logo que chegar à casa do tal homem haverei de carregá-lo comigo sem mais delongas!

– Já que é assim, siga por este caminho que contorna a floresta. Assim chegarás com mais segurança à casa do velho – disse Exu, apontando para uma trilha que seguia à direita do local onde se encontravam.

O que Exu pretendia, na verdade, era ganhar algum tempo e, desta forma, colocou Ikú num caminho três vezes mais longo, retardando sua chegada à casa de seu amigo.

Enveredando floresta adentro, cortando o caminho, Exu correu a toda velocidade em direção à casa do enfermo.

– Deves providenciar, agora mesmo, um ebó para enganar Ikú, que já está a caminho daqui, de onde pretende levar-te para Ló! – disse Exu, ofegante, ao bom velhinho.

– Mas se é chegada a minha hora, só me resta conformar-me! – respondeu o sábio. – Afinal de contas, já vivi muito e estou preparado para morrer.

– Sim, podes estar preparado, mas teu discípulo ainda não. Precisas viver um pouco mais para passar-lhe o que falta de teus conhecimentos! – exclamou Exu.

Copyrighted material

Hidden page



O sapo e o hipopótamo

Houve uma época em que o hipopótamo era o rei de um grande lago existente nas margens de um rio, mas sofria grande oposição por parte do sapo.

– Não é possível! – reclamava o batráquio. – Não vejo justiça no fato de o hipopótamo ser rei só porque é muito maior que todos os animais do lago. Nem o crocodilo pode competir com ele em tamanho e força, mas nem por isso é menos capaz de reinar!

Se fôssemos adotar um critério justo, haveríamos de coroar um novo rei, não pela avaliação do seu tamanho, mas sim por sua inteligência e versatilidade e, com toda a certeza, uma vez utilizados estes critérios seria eu o coroado!

A política estabelecida pelo sapo encontrava ressonância em alguns segmentos da comunidade e, desta forma, a ordem começou a ser ameaçada.

Copyrighted material

Diante do impasse criado, os bichos resolveram, em assembléia, nomear um árbitro absolutamente neutro, para decidir quem seria o rei. E o escolhido para a delicada missão não foi outro senão Exu.

No dia da decisão, apresentaram-se os candidatos diante de Exu e cada um expôs os motivos pelos quais se achava mais bem habilitado para o cargo e, por questão de hierarquia, o primeiro a discursar foi o hipopótamo.

– Acho que sou o mais indicado para o cargo porque sou pacífico, mas, se for necessário, poderei manter a ordem, fazendo valer a minha força e o meu tamanho. Não acredito que exista aqui qualquer um que possa desafiar-me para uma luta corporal! Sempre mantive a paz no lago e, até hoje, não precisei apelar para a violência e, por este motivo, devo continuar a reinar sobre meus vizinhos.

Chegara a vez de o sapo discursar e, pomposamente trepado sobre um grande crocodilo que apoiava sua candidatura, deu início à sua fala:

– Senhoras e senhores, moradores do lago! Digníssimo Senhor Exu Elegbara, mui digno árbitro desta pendência!

Exu, sentado num velho tronco caído numa das margens, olhava divertido a verborréia do bufão.

– De há muito... – continuou o sapo – ...venho tentando mostrar a todos o quanto de inútil tem sido o hipopótamo como rei de nosso lago! O que tem feito em benefício de nossa comunidade? O que tem feito, ao menos, em seu próprio benefício? Nada! Absolutamente nada!

Tudo o que esta montanha de carne sabe fazer é cochilar, submerso, e, vez por outra, bocejar, escancarando a enorme bocarra, o que, sem dúvida, não só assusta, como representa um grande risco para os pequenos animais. A situação é grave e exige uma mudança imediata!

Precisamos de alguém que reine com inteligência e sabedoria! E este alguém sou eu, o sapo!

Não pensem os senhores que não sou capaz de manter a paz, se necessário for, usando a força! Quero revelar a todos, neste momento,

Copyrighted material

um segredo que guardo há muito e muito tempo, por pura humildade. Se quiser, e quando quiser, posso aumentar de tamanho, ficando até maior e mais forte que meu opositor! Se não o faço é para não humilhar os outros animais, nem ocupar um espaço exagerado como faz o hipopótamo!

Exu, que a tudo ouvia com atenção, diante da deslavada mentira do político, resolveu intervir:

– Neste caso, amigo sapo, deverás ser coroado rei. Já provaste, através do belíssimo discurso com que nos agraciaste, ser mais inteligente que o hipopótamo. Resta agora provar que, como tu mesmo disseste, és capaz de ficar maior que o teu opositor. Vamos, brinda-nos também com uma demonstração! Tenho a certeza de que és capaz de fazê-lo!

Embriagado de vaidade o sapo inspirou todo o ar que pôde e, inflando, aumentou consideravelmente de tamanho.

– Que tal estou? – perguntou a Exu.

– Bem maior – respondeu o árbitro. – Mas muito longe do tamanho do hipopótamo.

– Mais uma grande inspiração e, um pouco maior, o sapo voltou a solicitar uma nova avaliação:

– E agora, que tal estou?

– Maiorzinho, mas não o suficiente! – respondeu Exu, que, com toda a certeza, já havia elaborado um plano para desmoralizar o batráquio. – Por que não puxas mais ar?

Num esforço sobrenatural o sapo inspirou mais uma grande quantidade de ar e, com a sensação de que os olhos iriam saltar-lhe das órbitas, procurando reter, dentro de si, a enorme quantidade de ar, indagou:

– E agora?

– Quase! – respondeu Exu. – Tenta de novo! Mais um pouco de ar e serás o rei do lago.

Copyrighted material

Os animais que assistiam à patética cena não entendiam nada. Exu afirmava que o sapo estava quase do tamanho do hipopótamo, mas todos viam que nem sequer atingira a altura de seus joelhos!

E o sapo, num grande e derradeiro esforço, puxou, para dentro de si, toda a quantidade de ar que pôde!

Pou!!!

Foi o que se ouviu em seguida. O sapo havia explodido como um balão e seus pedaços voaram em todas as direções! Estava terminada a disputa!

Chocados com o que viram, os animais aclamaram o hipopótamo seu legítimo rei e compreenderam que cada um nasce com seu próprio destino e deve conformar-se com suas limitações.

E é desta forma que Exu castiga aqueles que querem ser o que não podem. Força-os a inflar-se com o ar da vaidade, até que explodam e morram sem conseguir realizar seus delírios de grandeza.

Copyrighted material



A chuva e o fogo

Eram muito comuns, na antigüidade, disputas pelo poder entre animais, elementos da natureza e até mesmo objetos que, então, possuíam vontade e ânimo próprios.

Narrarei agora uma séria disputa que ocorreu entre o fogo e a chuva e, creiam os leitores, este é um fato verídico.

A chuva, que se achava muito importante e poderosa, era muito solicitada pelos homens, que não podiam viver muito tempo sem sua presença.

Era ela quem reabastecia os mananciais, refrescava o ar e fertilizava a terra, garantindo o desenvolvimento das plantas que alimentavam, indiscriminadamente, homens e animais. Consciente de tudo isso, achou-se no direito de governar sobre a Terra.

Copyrighted material

Da mesma forma, o fogo adquirira consciência de sua importância. Era ele quem cozinhava os alimentos consumidos pelos homens, mantinha-os aquecidos nas épocas frias, iluminava suas noites, espantava as feras que os ameaçavam e amolecia os metais, tornando-os manipuláveis e facilmente trabalhados.

Estava sempre presente nas comunidades humanas e, tinha certeza, tornara-se indispensável à sua sobrevivência.

E os dois viviam em permanentes e longas discussões, durante as quais cada um apresentava fortes argumentos para assegurar a sua primazia de importância para os homens.

Cansado de tanta discussão inútil, Exu resolveu, um dia, estabelecer um concurso para definir qual dos dois era capaz de influenciar, com mais eficácia, as atitudes humanas.

Determinou então que, antes do teste, cada um dos concorrentes deveria oferecer um sacrifício a ele mesmo, Exu, o que o tornaria imparcial na hora da decisão.

O fogo ofereceu seu sacrifício, mas a chuva limitou-se a dizer:

– Nem com um árbitro parcial poderei perder esta disputa. Não oferecerei nenhum sacrifício a Exu e, tenho certeza, serei declarada vencedora!

No dia do concurso a chuva, o fogo e Exu reuniram-se no alto de uma montanha, de onde se divisava um povoado, assim como a estrada que conduzia a ele.

– No que consiste o teste ao qual seremos submetidos? – perguntou a chuva ansiosa. – Quero ser a primeira a fazê-lo, que é para acabar logo com esta farsa!

– Vêem aquele homem que se dirige pelo caminho que leva ao vilarejo? – perguntou Exu.

– Sim! – responderam os candidatos.

– Pois o vencedor será aquele que fizer com que tire o manto que cobre o seu corpo – declarou o árbitro.

Copyrighted material

E chuva lançou-se furiosamente sobre o homem, na esperança de, com a força de suas águas, arrancar-lhe o manto.

O homem, no entanto, logo que sentiu as primeiras gotas caírem sobre sua cabeça, enrolou-se ainda mais nos panos, segurando-os firmemente com os braços cruzados sobre o corpo. Depois de meia hora, prazo concedido a cada um dos candidatos, a chuva, sem conseguir fazer com que o homem tirasse o manto, recolheu-se humilhada.

Era a vez de o fogo submeter-se ao teste e, para tanto, surgiu diante do homem em forma de uma pequena fogueira.

Encharcado e tiritando de frio, o caminhante aproximou-se do fogo, alimentou-o com alguns gravetos que recolheu ao redor e, sentando-se diante dele, tirou as roupas, que torceu cuidadosamente e estendeu para secarem ao lado da fogueira.

E foi assim que a chuva, por sua vaidade, perdeu para o fogo a disputa estabelecida por Exu.

Copyrighted material

Hidden page

Hidden page

Desta forma, Exu ensinou uma coisa a Orunmilá: cada um é importante naquilo que sabe fazer com perfeição. Não existem profissões mais ou menos importantes que as outras.

Todo homem que, com dedicação, exerce e dignifica o seu trabalho, deve ser recompensado, não cabendo a ninguém estabelecer o valor do mesmo.

Copyrighted material

Hidden page

Depois de muito discutirem, os membros da assembléia resolveram que o comando de seus destinos deveria ser confiado ao mais velho entre eles e, como não sabiam contar o tempo, seria eleito aquele que possuísse os cabelos mais encanecidos.

Marcou-se então, para dali a sete dias, uma nova reunião na qual o líder deveria ser eleito definitivamente.

Mas Exu, mesmo sem poder interferir na decisão, já que a assembléia era soberana, não concordou com o critério adotado.

– Entregar a liderança ao mais velho? – pensava. – Isto não é justo. A velhice nem sempre é sinônimo de sabedoria e, além disso, os canalhas também envelhecem!

E, assim pensando, resolveu fazer alguma coisa para evitar que os homens, embora pretendendo acertar, elegessem alguém muito velho, mas incompetente ou, o que é pior, de má formação moral.

A eleição deveria se realizar no interior de uma grande cabana coberta de palha na qual todos reunidos, no dia e hora determinados, deveriam escolher como chefe aquele que apresentasse maior quantidade de cabelos brancos.

Exu, para evitar uma má escolha, resolveu agir e, pegando uma grande quantidade de pó de efun, misturou-a com as palhas que cobriam a grande sala e, quando todos já estavam acomodados, sem que percebessem, sacudiu as palhas, fazendo com que o pó branco caísse sobre suas cabeças.

Na hora da escolha, os eleitores observaram que, como por encanto, todos os presentes tinham os cabelos completamente brancos e, diante do impasse, resolveram adotar um novo critério na escolha.

– Que seja eleito o mais forte! – sugeriam alguns, sem sucesso.

– Nosso líder deve ser o mais hábil nas artes da caça! – sugeriam outros. E mais uma vez a proposta não foi aprovada.

Copyrighted material

Hidden page



O nascimento da morte

Todos sabem que os Odus Ogbe Meji e Oyeku Meji são filhos do mesmo pai, Olofin.

E foi Olofin quem enviou Oyeku à Terra, para tomar conta da humanidade, enquanto ao seu outro filho, Ogbe, confiou a guarda de Ló, a Terra dos Seres Espirituais.

Embora os dois tivessem nascido no mesmo dia, havia uma grande discussão sobre quem teria nascido primeiro e, Oyeku, sendo o regente das trevas, declarava-se mais velho que seu irmão, que regia a luz.

– As trevas... – dizia Oyeku – ...existiam antes de ser criada a luz e, assim sendo, eu sou mais velho que meu irmão.

Tudo isto, no entanto, era resultado da grande inveja que Oyeku tinha de seu irmão que, em Ló, possuía inúmeros títulos honoríficos,

Copyrighted material

dados pelas entidades espirituais, ao passo que ele, Oyeku, embora reinasse sobre os homens, não era por eles reverenciado.

Foi então que Oyeku resolveu usar, na Terra, os mesmos títulos que Ogbe possuía em Ló e, desta forma, exigiu que todos o tratassem como se fosse superior em hierarquia a seu irmão.

Até mesmo um tambor que, em Ló, era tocado em honra de Ogbe Oyeku mandou fazer na Terra; e a cantiga que se cantava ao som do tambor de Ogbe era agora cantada na Terra. Cantiga sagrada, que dizia as seguintes palavras:

– Oba oto toto!
Oba oro lolo!
Oni ba n'le Lisa layo,
Oh, Ejiogbe!

Ao tomar conhecimento da usurpação de direitos que estava ocorrendo, Exu, munido de todas as informações necessárias, dirigiu-se a Ló, onde, reunindo-se com Ogbe Meji, contou tudo o que estava acontecendo na Terra.

– Pois é, Babá Ejiogbe. Teu irmão, Oyekú Meji, faz-se passar por ti. Usa teus títulos e tuas cantigas louvatórias e até um ilú, idêntico ao que possuis, mandou confeccionar para ser tocado em sua honra. Desta forma, os homens, que sabem muito bem quem é o verdadeiro rei, estão confusos, e muitos deles já se bandearam para o lado de Oyeku, não aceitando a existência de outro rei que não seja ele! – denunciou Exu.

– Mas como pode meu próprio irmão agir de tal forma? – perguntou Ogbe espantado. – Diga-me, Exu, quais títulos ele me usurpou na Terra?

– Azin duto nõ du butebu (Aquele que come o amendoim e sua casca), Nun ta do ku nu we nõ na Xosu (Ele não precisa oferecer ao rei animais decapitados) e Nun na Xosu to nõ na dokpo a (Ele não precisa

Copyrighted material

oferecer ao rei uma porção de cada coisa que possui)! Estes são apenas alguns dos títulos que te foram dados e que teu irmão usurpou, obrigando os homens a usá-los diante dele! – disse Exu com raiva.

– Neste caso, Exu, teremos que consultar nosso Pai para que, seguindo Suas orientações, possamos tomar a atitude mais certa em relação ao que está se passando no Ayê! – concluiu o Odu.

E lá se foram os dois, rumo à casa de Olorun, para receberem as orientações necessárias.

A reunião foi rápida e, depois de tomar conhecimento da atitude lamentável de Oyeku, Olorun sentenciou:

– Oyeku quer reinar, não é verdade? Pois reinará sobre um ser que criarei em cima da Terra, Ikú, o Exterminador da Vida. Meu filho Ogbe reina sobre a vida e já que Oyeku, seu irmão, se opõe a ele, reinará sobre a morte e será por isto detestado, temido e evitado pelos homens sobre os quais pretendia reinar!

– Vai, Exu. Retorna agora mesmo à Terra e comunica a Oyeku a minha decisão. Apresenta-lhe Ikú, que neste momento já te aguarda nos portais do Orun e encarrega-o da triste missão de reinar sobre aquele que espalhará sobre os homens a tristeza, o luto e a dor.

– Oyeku, que quis ser mais poderoso que seu irmão Ogbe, o gerador da vida, passará, a partir de agora, a ser o responsável pela morte. Assim fica decidido, pois esta é a minha vontade!

E assim, pela inveja que Oyeku sentia de seu irmão Ogbe, Olorum fez surgir a morte, que até então não existia. E, se Oyeku é o responsável por ela, Exu é seu arauto, avisando os homens de sua aproximação e, sempre que possível, fornecendo-lhes os meios para evitá-la.

E hoje se sabe que Ogbe Meji nasceu primeiro que seu irmão Oyeku Meji, uma vez que o primeiro é a vida e o segundo, a morte. E de que forma pode a morte surgir sem antes existir a vida?

Copyrighted material



Por que se enterram os mortos

Naquele tempo, os homens não enterravam seus defuntos. Cada um que morria era enrolado em panos e seus corpos eram depositados aos pés de grandes arabás, árvores sagradas, muito comuns na África.

Havia, então, um homem casado com uma bela mulher a quem amava de paixão.

– Assim como o verão traz o calor e o inverno o frio, tua presença traz alegria à minha vida e ao meu coração – dizia ele, revelando todo o seu sincero amor à sua companheira.

Mas, infelizmente, o sentimento que o bom homem dedicava à sua querida esposa não era correspondido.

A mulher, pérfida e fingida, desprezava profundamente seu marido e mantinha relações com um homem da vizinhança por quem se apaixonara e se entregara de corpo e alma.

Copyrighted material

Hidden page

– O que disseste? – perguntou o homem sem nada entender.

– Nada! – respondeu Exu. – Eu não disse nada! Conduz-me depressa à tua casa. Sou médico e, quem sabe, chegaremos a tempo de salvá-la!

E correndo, lá foram os dois em direção à casa onde a mulher, sob o efeito do remédio, já entrara em profundo estado cataléptico.

– Tarde demais! – exclamou Exu fingindo constrangimento. – Tua mulher já está morta. Mas deixa-me examiná-la para sabermos o que provocou seu falecimento tão repentino. Afinal de contas era jovem e forte, pelo que posso presumir olhando seu cadáver.

Depois de fingir um detalhado exame no corpo da mulher, Exu disse ao choroso marido:

– Tua mulher morreu de uma doença terrivelmente contagiosa, que, sem qualquer sintoma, mata mais depressa que um raio. Seu corpo está infectado e, por este motivo, deve ser enterrado. Trata-se da segurança de todo o povoado, além da tua própria segurança. Temos que enterrá-la imediatamente, sem velório nem rituais.

Obediente, o pobre homem providenciou alguns lençóis nos quais o corpo foi enrolado e, com a ajuda de Exu, transportou sua mulher até o pé de um arabá onde a enterrou num buraco bem fundo.

No dia seguinte, sem saber o que havia ocorrido, o amante foi ao encontro da mulher e, chegando aos pés da árvore, deparou-se com uma sepultura coberta de flores.

Ao tomar conhecimento do fato, enlouqueceu, passando a ser perseguido pelo egun de sua amante.

E foi assim, para evitar que as mulheres continuassem a enganar seus maridos fingindo-se de mortas, que Exu inventou o costume de enterrarem-se os cadáveres.

Depois disto, nunca mais ninguém ousou brincar de defunto; com medo, provavelmente, de que Exu, só de molecagem, o enfiasse dentro de um buraco na terra.

Copyrighted material

Hidden page

Hidden page

Não acreditando no que viam, os animais saíram de seus esconderijos e, correndo ao quarto de sua dona, verificaram com alegria que, livre da perseguição da morte, já recuperara a cor de suas faces. A mulher, livre de Ikú, recuperava a saúde, como num passe de mágica.

Foi assim que, com uma só pena de sua cauda, o ekodidé pôde derrotar Ikú, espantando-o para bem longe.

Poucos dias depois, já inteiramente refeita, a mulher ofereceu uma grande festa, na qual ekodidé foi proclamado rei dos animais domésticos.

E, ainda hoje, seguindo as orientações dadas por Exu ao papagaio, usamos as penas vermelhas do ekodidé sempre que desejamos espantar a morte que ameaça alguém que nos é caro.

Copyrighted material

Hidden page

– Laroiê, Exu, venho lhe trazer esta cabaça cheia de aguardente que meu marido pediu que lhe fosse entregue como pagamento pela guarda de seus instrumentos divinatórios. Por favor, tome um trago.

Exu, que era grande apreciador de otí, não resistindo à tentação, não se fez de rogado e tratou logo de sorver um bom trago da bebida.

— Que gentil me estás sendo, Senhora, em me trazeres esta aguardente. Olha que já faz mais de três dias que não bebo nada e, como bem sabes, o álcool é o combustível que me movimenta!

Conversa puxa conversa e um trago puxa outro e, desta forma, em pouco tempo, Exu bebeu todo o conteúdo da grande cabaça que lhe levara Iemanjá e, rapidamente, embriagado, caiu no mais profundo dos sonos.

Era tudo o que Iemanjá queria. Segura de que Exu estava completamente adormecido, surrupiou os instrumentos de seu marido e, de posse deles, dirigiu-se para sua própria casa onde começou, no mesmo dia, a adivinhar.

Somente muitas horas depois Exu despertou e, ainda meio atordoado, deu-se conta do engodo de que fora vítima.

– E agora, o que fazer? – perguntava-se. – Iemanjá, aquela atrevida, fazia-se passar por babalaô e, com os instrumentos do marido, dava consultas como se fosse um legítimo sacerdote de Ifá!

Acontece que Iemanjá sabia muito bem o que estava fazendo. Durante todo o tempo em que convivera com Orunmilá, tratara de aprender os segredos de Ifá. Conhecia muito bem os 256 Odus e sabia, com absoluta segurança, interpretar suas mensagens.

A clientela de Iemanjá aumentava na medida em que sua fama de adivinha crescia e se espalhava por todo o país.

– Como pode – pensava Exu – uma mulher jogando opelê e usando o opon e tudo o mais! E não posso fazer nada! Absolutamente nada! Afinal de contas tenho certos tratos com Iemanjá que me impedem de

Copyrighted material

tomar qualquer atitude contra ela. Só me resta uma solução: contar tudo a Orunmilá! Só não posso dizer que me embriaguei pois não quero perder a sua confiança!

E, assim pensando, rumou para Savé, onde se encontrava Orunmilá. Pretendia contar-lhe o que estava acontecendo antes que a coisa assumisse proporções tais que fugisse do controle do próprio Senhor da Adivinhação.

Enquanto isso, Iemanjá acumulava riqueza, fruto de suas consultas.

– Aború, Boiyê oh! – disse Exu já em Savé, diante de Orunmilá.

– Boxixê oh! – respondeu o adivinho surpreso. – O que fazes aqui, Exu? Onde estão os meus instrumentos de adivinhação que deixei sob tua guarda?

– Pois é, velho amigo! É sobre isto que venho falar! Sabes Orunmilá? Fui assaltado por um grande grupo de malfeitores! Todos Oxôs, enviados por Iami Oxorongá que, depois de invadirem minha casa, me subjugaram e apoderaram-se de tudo o que me confiaste. Não penses, no entanto, que foi fácil para eles! Apesar de serem mais de duzentos, resisti bravamente, chegando mesmo a deixar inúmeros deles fora de combate. Infelizmente eram muitos e acabei sucumbindo e, depois que perdi os sentidos, me amarraram e roubaram tudo o que te pertencia!...

– Mas como? – esbravejou o oluô. – Meu opon! Meu irofá! Meu opelê! E agora, Exu? Precisamos recuperar tudo! Sabes pelo menos que destino foi dado aos objetos?

– É isto que me constrange mais, Senhor de Ifá! Depois de me haver recuperado dos ferimentos produzidos na luta com os gatunos, empreendi uma investigação muito acurada, com o objetivo de localizar teu instrumental e, com grande surpresa, descobri que se encontram, agora, em poder de tua esposa, Iemanjá, que os utiliza para adivinhar, como se fosse, ela própria, um babalaô! Não podes imaginar o quanto me constrange ter que te fazer esta revelação! – mentiu Exu.

Copyrighted material

– Quem diria, Exu! Iemanjá, minha própria esposa! Aproveitar-se da minha ausência para pôr em prática um plano tão abjeto! Além disso, colocar em risco a segurança e a integridade física de um amigo sincero e devotado como tu! Ah! As mulheres! Quem pode confiar nelas? – lamentou-se Orunmilá.

– Pois então, meu senhor! Não achas que já é hora de voltares a Ile Ifé e restaurar teu poder? Anda, avia-te antes que seja tarde! Lembra-te de que Iemanjá está adquirindo muitos e poderosos partidários e, em pouco tempo, estará ensinando a outras mulheres os teus métodos de adivinhação! – aconselhou Exu.

– Partirei imediatamente! – afirmou Orunmilá. – É por isto, Exu, que ela vivia me fazendo perguntas sobre o sistema oracular e eu, como um tolo, jamais lhe soneguei qualquer ensinamento! Aquela traidora sabe muito sobre Ifá e o pior é que eu mesmo ensinei! Mulheres! Ah, as mulheres!

E Orunmilá voltou imediatamente para casa, onde encontrou sua esposa dando consultas para um grande número de pessoas.

Furioso, atirou-se contra ela e, tomando de suas mãos os instrumentos divinatórios, expulsou-a, incontinente, de seus domínios.

Desde então, Iemanjá passou a viver na beira do mar, reino de seu pai Olokun onde, em total segurança, adivinha através dos búzios, podendo, mesmo, acessar com eles os 256 Odu-Ifá.

Só não se pode dizer, diante disto, é que Iemanjá não sabe Ifá, nem que as mulheres não sejam capazes de compreender seus mistérios e desvendar seus segredos.

Desta forma, Exu corrigiu o que estava errado e conseguiu ficar bem, tanto com Orunmilá, quanto com Iemanjá.

Copyrighted material



O elefante e o passarinho

Ajinakú, o elefante, era por demais vaidoso de sua força e tamanho. Não respeitava nada nem ninguém e não relutava em usar de força bruta para conseguir o que queria.

Era assim que, no bebedouro utilizado por todos os animais, quando chegava Ajinakú, todos tinham que se retirar e esperar que saciasse sua sede, ficando sem poder beber água até que acabassem seus longos e demorados banhos.

– Não é possível agüentarmos mais tanta prepotência, tanta brutalidade! – queixavam-se os animais a Metolonfin, rei do país que, de sua parte, nada podia fazer contra um animal tão grande e poderoso como o elefante.

Cansado de tanta baderna, o rei resolveu pedir o auxílio de Exu.

Copyrighted material

Hidden page

– Enlouqueceste? – perguntou o paquiderme, espantado. – Não vês que com um simples abanar de uma das minhas orelhas posso roubar-te a vida?

– Sei perfeitamente que uma pancada de uma de tuas orelhas seria letal para mim. O que acho difícil é que consigas atingir-me com elas ou mesmo com tua tromba horrorosa.

A tromba e as presas de marfim eram o grande orgulho do elefante e, desta forma, as palavras da avezinha representaram para ele uma grande ofensa. Procurando manter a calma e para não perder o respeito dos demais, falou:

– Podes falar o que bem quiseres. Não perderei meu precioso tempo em combater um animal tão insignificante como tu!

– Esta é sempre a desculpa dos covardes diante de um adversário poderoso! O que acontece, na verdade, é que estás morrendo de medo de mim! E eu que pensei que encontraria em ti um adversário de valor! Como as aparências enganam! Diga-me, Senhor Ajinakú, onde está a tua valentia? Onde está a tua dignidade?

– Dignidade? Valor? Que valor demonstrará qualquer um que derrote uma avezinha que é presa fácil até para o sapo-boi?

– Chega de conversa! Estás desafiado para um combate sem tréguas, sem quartel! O perdedor, se continuar vivendo, terá que se afastar, para sempre, desta região. Se não aceitares o desafio que te faço, serás declarado covarde pelo nosso rei!

– Se é assim que desejas, assim será! – concordou o elefante. E, virando-se para os demais:

– Todos são testemunhas de que tentei, de todas as formas, evitar o massacre que se avizinha. Não serei responsabilizado, portanto, pela morte desta ave atrevida!

– Massacre? É o que veremos! – zombou o passarinho.

A notícia espalhou-se na floresta, como o fogo na savana seca. Bico-de-lacre havia desafiado Ajinakú, o elefante, para uma luta de mor-

Copyrighted material

te! Quem diria que, dentro do peito de uma ave tão pequena, pulsava um coração tão corajoso?

O dia do combate chegou e, no descampado que ficava bem no meio da floresta, uma multidão de animais se aglomerava desde as primeiras horas do dia. Até mesmo as hienas, sempre muito esquivas, ali compareceram para assistirem ao grande evento do século.

Sem que ninguém soubesse, três cabaças pequenas haviam sido amarradas em diferentes galhos de árvores no local onde deveria ocorrer o confronto. Na primeira cabaça Exu colocou uma boa quantidade de água tinta de Ossun; na outra, uma pasta grossa de efum dissolvido em água e, na terceira cabaça, foi colocado pó de carvão, também misturado com água.

O primeiro a chegar foi o elefante, que, correndo de um lado para o outro e agitando furiosamente a tromba, aquecia-se para a luta.

Na hora marcada, nem um minuto a mais, surgiu o Bico-de-lacre, que, voando em círculos sobre a arena, foi ovacionado por todos.

Um silêncio mortal abateu-se sobre o lugar quando Metolonfin, dirigindo-se aos contendores, perguntou:

– Mantêm, ainda, o desejo de lutarem entre si?

– Sim! – responderam os dois.

– Estão preparados e conscientes do que irão fazer?

– Sim, estamos! – responderam ao mesmo tempo.

– Pois que se inicie a luta! – ordenou o rei.

O elefante, levantando a tromba, emitiu um som assustador que eriçou pêlos e penas de quantos assistiam à cena. No mesmo instante, a ave alçou vôo, arremetendo contra a cabeça de seu adversário.

Dando voltas velozes ao redor da imensa cabeça, pousando, ora na testa, ora atrás de uma ou de outra orelha, o passarinho fazia com que o elefante, na tentativa de acertá-lo, desferisse violentos golpes de tromba contra a própria cabeça.

Copyrighted material

Hidden page

Hidden page

Hidden page



A bandeira e o guarda-chuva

O Guarda-chuva e a Bandeira surgiram no mundo simultaneamente. Os dois, ao chegarem, foram consultar Ifá, para saberem se seriam honrados em suas vidas. Na consulta, Ifá ordenou um sacrifício a Exu que somente Bandeira se dignou a fazer.

Para justificar sua negligência, Guarda-chuva dizia: "Por que razão tenho que oferecer sacrifício, se sei muito bem que minha posição neste mundo será a de permanecer constantemente acima das cabeças dos homens, até dos mais poderosos reis?"

Um dia estourou uma guerra e os dois foram levados, junto com seus donos, para o campo de batalha; Guarda-chuva, aberto sobre a cabeça do rei, enquanto Bandeira seguia na frente, conduzida por um simples escravo.

Copyrighted material

Antes de partir para a guerra, o rei consultou o oráculo e, na consulta, foi-lhe ordenado oferecer um sacrifício a Exu, o que o monarca estava pronto a fazer.

– Por que oferecer sacrifícios a Exu? – perguntou Guarda-chuva ao seu rei. – Isto não muda em nada a nossa sorte. Veja bem, quando aqui cheguei, me foi recomendado oferecer sacrifícios a ele e eu me neguei. No entanto, podes ver como é boa a minha vida. Estou sempre cobrindo tua cabeça, acima mesmo da coroa que usas. Vivo dentro do palácio, nas melhores e mais finas companhias e a mim, nada me falta. Em vez de ofereceres sacrifícios a Exu, o que deves mesmo é organizar um belo banquete para ti e teus amigos.

Deixando-se levar pela conversa de Guarda-chuva, o rei organizou o tal banquete e, desta forma, o ebó foi negligenciado.

Chegou o dia do combate e, por arte de Exu, a batalha foi desfavorável ao nosso rei. Suas tropas foram dizimadas pelo inimigo e o rei, para salvar a própria vida, teve que se refugiar numa floresta de árvores baixas e repletas de ramificações.

Apenas alguns de seus oficiais, além de seus servidores particulares, haviam conseguido sobreviver, inclusive o seu porta-bandeira e o transportador do guarda-chuva.

Para escaparem do inimigo inclemente, embrenharam-se na floresta de vegetação garranchenta e, no decorrer da fuga, bastava baixar a Bandeira, para que ela passasse incólume entre os galhos, enquanto que Guarda-chuva, atingido por ramos incontáveis, era rasgado a cada passo, tornando-se completamente inútil.

Quando finalmente chegaram ao outro lado da floresta, já a salvo, o rei, vendo o estado deplorável em que se encontrava Guarda-chuva, jogou-o fora, pois não mais servia para protegê-lo da chuva ou do Sol.

Depois disto, Guarda-chuva passou a ser um instrumento utilizado somente quando há conveniência para tal, ao passo que Bandeira é usa-

Copyrighted material

Hidden page



A fome da hiena

Ainda muito jovem, a hiena padecia de fome constante. Para aliviar-se deste sofrimento, resolveu consultar Ifá e, durante a consulta, foi prescrito um ebó composto de três galinhas e três cabaças que deveriam ser oferecidas a Exu.

De bom grado a hiena resolveu fazer a oferenda e, como fosse muito pobre, ficou, durante um bom tempo, juntando o dinheiro para a compra dos ingredientes.

Com o material pedido, deveriam ser feitos três ebós distintos.

O primeiro ebó foi feito pela manhã e despachado no brejo. A hiena recebera de Exu a orientação de que, se no caminho fosse encontrado qualquer tipo de caça, não deveria ser tocado, por maior que fosse a sua fome.

Copyrighted material

Voltando do pântano, a hiena deparou-se com um elefante morto e, apesar da proibição, pensou em comer um bom pedaço, dizendo:

– Como poderei, com a fome que estou, deixar este elefante sem tocá-lo?

Exu, que naquele momento passava por perto, interviu, dizendo à hiena que abandonasse seu intento, pois a desobediência à proibição faria com que o ebó não desse resultado. Desolado, o animal abandonou a carcaça, pondo-se novamente a caminho.

Ao meio-dia, a hiena levou o segundo ebó ao pântano e, ao voltar, encontrou um carneiro morto. Novamente instigada pela fome, já se propunha a devorar o animal, no que foi novamente impedida por Exu.

À noite, o pobre animal, já quase morto de fome, levou o terceiro ebó e, na volta, encontrou um antílope que acabara de morrer. Exu, então, apareceu e disse:

– Aproxima-te e come à vontade. De hoje em diante, nunca mais padecerás de fome! Sempre haverei de providenciar que algum animal morra para que possas sobreviver!

E, a partir daquele dia, a hiena nunca mais conheceu o sofrimento da fome. Mesmo quando não encontra uma caça para abater, alimenta-se com as carcaças abandonadas pelos outros predadores de maiores capacidade e força.

E este é o motivo pelo qual, ainda hoje, enquanto os outros animais padecem de fome, a hiena, sempre bem alimentada, vive dando boas gargalhadas.

Copyrighted material



O castigo de Sakpata

Sakpata, que então se chamava Jexolu (Rei das Pérolas), era um fazendeiro muito rico que possuía, em suas terras, duzentos cavalos e igual número de bois, galinhas d'angola, ibíns, galinhas e galos caipiras, cabritos, cães, gatos e porcos. Era nesta época solteiro e todo animal que começasse a criar reproduzia-se abundantemente; mas, por proibição de Exu, estava impedido de sacrificar qualquer animal.

Certo dia, um desconhecido, abatido pela fome, bateu em sua porta e Jexolu, não tendo como alimentá-lo, sacrificou uma galinha, oferecendo-a ao estranho.

No outro dia surgiu outro estranho, ao qual foi oferecido um cabrito. No outro dia, a um terceiro, foi oferecido um porco; a um quarto, um cavalo e, depois, a um outro, um boi.

Copyrighted material

Desta forma, foi sendo abatido um animal de cada espécie, até que chegou a vez da galinha d'angola, que, na hora de ser sacrificada, pôs-se a gritar:

– Tu vais me matar! Tu vais me matar! – com estes gritos todos os animais despertaram.

Na manhã seguinte, os animais se reuniram num lugar secreto e constataram que, de cada espécie, faltava uma unidade e então concluíram:

– É isto o que nosso dono pretende fazer a todos nós, ele nos matará a todos!

Naquele tempo, Zunxolu, irmão de Jexolu, nada possuía de seu, nem jamais oferecera qualquer sacrifício a Exu para que o grande Orixá dispensasse alguns bens em seu favor.

No dia exato em que os animais pertencentes a Jexolu estavam reunidos, Zunxolu passou pelo local, havendo se alimentado somente de ervas, por todo o caminho, cujos restos ia abandonando em seu percurso.

Os animais, vendo as folhas e raízes caídas no chão, foram seguindo a trilha, acabando por chegar à casa de Zunxolu, que, neste exato momento, tinha diante de si uma galinha d'angola que se destinava a um sacrifício, o primeiro de sua vida, a ser oferecido a Exu.

Vendo a casa invadida por tantos animais, entre os quais inúmeras galinhas d'angola, Zunxolu, pegando um pouco de oxe dudu, salpicou de preto sua galinha para que não se confundisse com as muitas que acabavam de chegar.

É preciso que se saiba que, naquela época, as galinhas d'angola eram inteiramente brancas.

Quando todos os animais acabaram de entrar em sua casa, Zunxolu tocou-os para dentro de um grande aposento que possuía, trancando-os. Depois, munido de um sino, pôs-se a badalar para apressar alguns animais que pudessem ter se atrasado no caminho.

Copyrighted material

No dia seguinte, Jexolu, dando falta de seus bichos, resolveu sair para procurá-los e seguindo as pegadas chegou à casa de Zunxolu, a quem, depois de saudar, perguntou:

– Todos os meus animais desapareceram, não terás visto para onde foram?

– Não! Tenho aqui apenas uma galinha d'angola que crio para oferecer em sacrifício a Exu – respondeu o outro, mostrando sua galinha d'angola.

Todos os animais, presos no quarto, ouviram a conversa e, apesar de reconhecerem a voz de seu verdadeiro dono, ficaram bem quietos para não terem que segui-lo de volta, correndo o risco de serem, posteriormente, sacrificados para servirem de alimento para alguém.

Foi assim que Zunxolu ficou com tudo e Jexolu sem nada. É por isto que quando a varíola entra numa casa não se deve imolar qualquer animal nem permitir que corra sangue no chão. Se esta regra não for obedecida, a fúria da doença será incontrolável e ela, transformando-se em epidemia, se alastrará por todo o país.

Não se deve violar a interdição de Sakpata conforme ele mesmo violou, sendo, por isso, punido por Exu.

Copyrighted material



Como Ejiogbe enganou a morte

Quando Ejiogbe chegou neste mundo, foi habitar numa terra onde todos eram negros.

Todo mundo sabe, no entanto, que Ejiogbe é branco e, por este motivo, encontrou inúmeras dificuldades para sobreviver entre os negros. A terra era deles e, como hoje, naquele tempo havia muito preconceito.

Ejiogbe era um grande sábio e mantinha controle sobre a luz e o dia e, em decorrência de seus poderes, angariou um grande número de inimigos, que planejaram sua morte.

Uma grande oferenda foi feita a Ikú, para que viesse buscar Ejiogbe para Ló, o mundo dos mortos.

Acontece que nosso amigo era um grande adivinho. Sabia prever como ninguém através do merindilogun e, desta forma, foi informado do perigo que o estava ameaçando.

Copyrighted material

Um sacrifício foi oferecido a Exu, que, reconhecido, resolveu ajudar Ejiogbe.

Certo dia, enquanto o adivinho consultava seus búzios, Exu apareceu-lhe pessoalmente, com a finalidade de dar-lhe orientações para livrar-se do perigo a que estava exposto e, entregando-lhe algumas folhas, disse:

– Deves retirar o sumo de uma boa quantidade destas ervas, deixar pegando Sol para que se oxide e, depois, com ele, tingir o teu corpo e os dos teus filhos para que Ikú, quando aqui chegar, não te reconheça nem aos teus descendentes.

Sem mais delonga, Ejiogbe começou a macerar as folhas trazidas por Exu e, depois de retirar todo o seu sumo, deixou-o exposto, por algumas horas, à luz do Sol.

À noitinha, Ejiogbe passou o sumo das folhas no seu corpo e nos corpos de todos os seus filhos e qual não foi a sua surpresa ao verificar que suas peles, cobertas pelo sumo, ficavam inteiramente negras, muito mais negras do que as dos moradores daquela terra.

Completamente pintados, foram dormir e, alta madrugada, chegou Ikú, que, acompanhado pelos maiores inimigos de Ejiogbe, vinha em busca de um homem branco e de seus descendentes.

Depois de procurar em vão por pessoas de pele clara, Ikú, furioso, e não querendo perder a viagem, levou consigo os inimigos de Ejiogbe – os mesmos que haviam feito o ebó para precipitar sua morte e a de seus filhos.

Desta forma, pintando a pele de negro, Ejiogbe, com a ajuda de Exu, enganou a morte, fazendo com que ela levasse, em seu lugar, aqueles que desejavam o seu mal.

Ainda hoje, todos os seguidores da religião sabem que Ejiogbe engana a morte e, por este motivo, apesar de fazer o bem, adquiriu a fama de mentiroso.

Copyrighted material

Hidden page

Hidden page

Quando todos estavam reunidos em torno do rei enfermo, o lobo, aproveitando-se da ausência da raposa, disse:

– Aquela raposa é realmente uma péssima vizinha! Não respeita sequer os costumes de nosso povo e, mesmo encontrando-se enfermo o nosso rei, nem sequer se deu ao trabalho de vir, como todos, fazer-lhe uma visita.

– Sim, é verdade! – observou o leão. – A raposa não veio visitar-me como fizeram todos os meus súditos. Logo que ficar curado haverei de procurá-la para que se explique e ai dela se não tiver um bom motivo!

– Que motivo poderia haver para que um súdito deixasse de visitar seu rei doente? – perguntou o lobo de forma capciosa. – A raposa é muito orgulhosa, acha-se mais importante que qualquer um. Até mesmo mais importante que sua majestade real. Creio que a única punição cabível para falta tão grave é a morte!

– Com licença, Majestade? – era Exu quem chegava. – Venho também lhe prestar minha solidariedade e trazer notícias de um dos seus súditos que, infelizmente, não pôde comparecer pessoalmente à sua presença!

– Fique à vontade, Exu! – respondeu o rei. – Mas a qual dos meus súditos te referes?

– Já que todos estão presentes, só posso estar me referindo à raposa, a única ausente!

– Sim, a raposa! Sabes que no exato momento em que chegaste estávamos deliberando sobre que castigo deverei aplicar-lhe por sua ausência? Segundo sugestão do lobo, uma falta grave como esta deve ser punida com a morte. O que achas?

– Bem sei, Majestade, que sempre primaste pela justiça – disse Exu. – E seria muito injusto condenar-se à morte um súdito faltoso sem antes saber o motivo de sua falta! É exatamente sobre isto que vim te falar.

– É sobre a falta da raposa que vieste me falar? – perguntou o leão. – Então diga lá, por que razão ela não me veio visitar?

Copyrighted material

Hidden page

Hidden page

Caso não ofereças o ebó, uma guerra assolará teu país e tu, assim como teus súditos, esposas e filhos, serão presos e vendidos como escravos.

O rei não ficou nem um pouco satisfeito com a previsão e, desta forma, além de não seguir a orientação do sacerdote, ordenou que seus guardas o conduzissem até a fronteira do país, para que sumisse dali o mais rapidamente possível.

No dia seguinte o rei foi informado de que o monarca do país vizinho aproximava-se dali, com um grande exército muito bem armado, o que ameaçava a segurança de seu reinado.

Assustado, ordenou que os mesmos guardas saíssem correndo em busca do adivinho e que o trouxessem de volta à sua presença.

Prontamente os soldados atenderam à ordem do seu rei e, poucas horas depois, o adivinho estava novamente diante do rei que havia ordenado sua expulsão.

– Sua previsão está confirmada! – exclamou o assustado Obá. – Nossos inimigos, fortemente armados, aproximam-se rapidamente de nossas fronteiras e não possuo tropas nem armas suficientes para impedir uma invasão. Por favor, faça o ebó que, como disseste, evitará tamanho malefício!

– Mas o sacrifício exigido não foi feito em tempo, não sei se agora dará resultado! – ponderou o oluô. – Preciso, novamente, consultar o oráculo para saber se Exu está ainda disposto a ajudar-te.

– Pois consulta então! – disse o rei apavorado. – Estou pronto a fazer o que ele quiser!

E novamente o opelê foi lançado e, através de um Odu de Ifá, Exu conversou com o adivinho:

– Não, não estou disposto a ajudar alguém tão ingrato e que se comportou de maneira tão absurda! Quando foi avisado do perigo, não deu crédito e, cheio de empáfia, expulsou-te do país. Como quer, agora que o inimigo já está tão perto de sua porta, que o socorra?

Copyrighted material

– Mas, Exu... – ponderou o adivinho – ...devemos levar em consideração que a atitude tomada por ele foi fruto, apenas, de sua ignorância. Por favor, conceda-me permissão para socorrer a este homem e a seu povo!

– Muito, bem! – respondeu Exu. – Se achas que deve ser assim, que assim seja. Aceitarei um sacrifício para afastar daqui os inimigos, sem guerra, sem derramamento de sangue. Só que não deverá ser o mesmo que pedi na consulta anterior!

– Sim, e o que desejas agora? – perguntou o bom homem.

– Agora quero 201 bodes, 201 cabras, 201 galos, 201 galinhas, 201 pombos e 2001 caurís. Deverás sacrificar, para mim, um animal de cada. Os outros deverão ser levados ao caminho que conduz aos portões da cidade e ali, amarrados com vida, nas árvores. Os 2001 caurís são teus, como pagamento por teus serviços e indenização pela humilhação que sofreste ao seres expulso do país.

Imediatamente o rei mandou providenciar tudo o que constava do grande ebó. Depois de sacrificar um animal de cada espécie para Exu, o adivinho levou os demais para o local determinado, deixando-os ali, amarrados aos pés das árvores.

No dia seguinte as tropas inimigas chegaram ao local onde os bichos estavam presos e ali encontraram Exu, tomando conta deles.

– É aqui que fica o reino de Kanike? – perguntou a Exu, o chefe dos guerreiros.

– Sim! – respondeu Exu. – É aqui mesmo!

– E onde está a população? Onde estão as casas e as fazendas? Onde está o palácio e seu rei?

– Aqui mesmo! Eu sou o rei, estes animais são o meu povo, as árvores são suas moradias e a floresta é meu palácio! – afirmou Exu.

– Pois quero que saibas que viemos invadir o país, com ordem de saqueá-lo e escravizar seus moradores! – disse o general.

Copyrighted material

– Pois que façam o que vieram fazer! – respondeu Exu, desaparecendo em seguida.

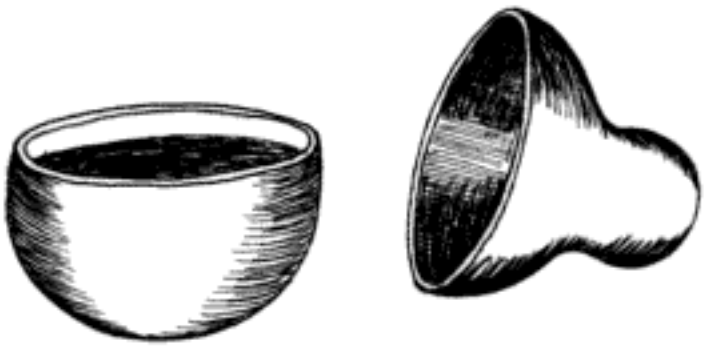
Espantados com a repentina desaparição daquele que pensavam ser o rei do país, os guerreiros pegaram todos os animais e, satisfeitos, retornaram à sua própria terra sem terem perdido um só homem e sem terem derramado uma única gota de sangue.

Desta forma, Exu puniu o rei que, por não acreditar no adivinho, teve que dispor de muitos dos seus bens para não ter seu país invadido pelos inimigos.

Seja de que forma for, todos saíram ganhando no fim da história: o rei salvou seu reino e a liberdade de seus súditos; os inimigos levaram um bom saque; o adivinho, de posse de muitos caurís, tornou-se um homem rico e Exu, sem perder sua autoridade, manteve a paz e a harmonia entre todos.

E nós aprendemos que, sempre que um sacrifício é solicitado, deve ser oferecido imediatamente, para que não venha a ser aumentado inúmeras vezes por Exu.

Copyrighted material



o jogo de búzios

Todo mundo sabe que Oxun foi a primeira esposa de Orunmilá e que também foi a primeira Ialorixá, sacerdotisa do culto de Orixás.

Naquele tempo, Oxun já havia feito o seu primeiro Iaô, homem de qualidades excepcionais e que deveria substituí-la na direção do culto, já que chegava o tempo em que todos os Orixás, por ordem de Olodumare, deveriam retornar ao Orun, deixando a Terra sob a responsabilidade dos seres humanos.

Orunmilá, marido de Oxun, era, como ainda é, o dono e senhor do oráculo de Ifá. Havia criado um culto no qual uma casta sacerdotal, composta exclusivamente de homens, retinha os métodos de adivinhação então existentes, que eram o jogo de opelê e o jogo de ikins. Somente estes sacerdotes sabiam como adivinhar, somente eles conheciam os segredos das figuras oraculares, os Odu-Ifá.

Copyrighted material

Por mais que Oxun implorasse, seu esposo negava-se a ensinar-lhe o segredo do oráculo e, consciente de que não conseguiria mudar sua opinião, a labá resolveu apelar para a astúcia, coisa que jamais lhe faltou.

Certo dia, por um motivo qualquer, Orunmilá precisou empreender uma viagem para um local muito distante e seu retorno só ocorreria dentro de três meses.

Esta era a oportunidade de que Oxun precisava para pôr em prática seu plano de apoderar-se dos segredos da adivinhação, mas restava ainda um grande obstáculo.

Toda vez em que Orunmilá viajava, deixava seus escritos, assim como seus instrumentos divinatórios, sob a guarda de Exu, em quem confiava cegamente.

– Salve, Exu! – disse Oxun entrando na casa do Orixá.

– Ore Yeyê Oh! – respondeu Exu, reverenciando a poderosa senhora. – A que devo a honra de tão gratificante visita?

– Venho pedir-te um favor, Exu – disse Oxun, enquanto se acomodava sobre uma das esteiras estendidas no chão de terra batida. – Como bem sabes, dentro de pouco tempo todos os Orixás, por ordem de nosso pai, deverão retornar ao Orun, menos tu, que tens permissão para ficar onde bem entenderes.

– Sim, minha senhora, sei perfeitamente do que estás falando. Gostaria de que me explicasses de que forma poderei ser útil – disse Exu, como se adivinhando alguma coisa.

– Pois é! Sabes também que, por ordem de Obatalá, criei um culto para todos os Orixás e, como não poderia deixar de ser, preparei um sacerdote humano para que, na minha ausência, o culto possa ter continuidade? – perguntou Oxun.

– Sim, sei disto tudo – respondeu Elegbara.

– Acontece, Exu, que a comunicação entre nós Orixás e os homens ficará interrompida depois de nossa volta ao Orun. Assim sendo, como

Copyrighted material

Hidden page

os seus fundamentos irá custar-me não só a sua amizade, como, com certeza, uma bela punição.

– Peça o que quiseres! Dá teu preço que estou pronta a pagá-lo! – exclamou Oxun, certa de já haver obtido o que pretendia.

– Se é assim, está bem. Vá para casa que dentro de 70 dias lá estarei com o sistema divinatório e meu preço! – finalizou Exu.

Os dias nunca foram tão longos para Oxun, mas finalmente, no fim da tarde do dia marcado, chegou Exu, portando uma cabaça de tamanho médio enrolada em panos brancos.

– E então, Exu? Trouxestes a encomenda? – perguntou Oxun, sem disfarçar a ansiedade que a consumia.

– Sim! – respondeu Exu. – O que queres está aqui nesta cabaça!

– Então anda, entrega-me! – suplicou a Iabá.

– Calma, Oxun! Primeiro vamos falar no pagamento! – falou Exu.

Neste momento Oxun abriu uma grande arca que ficava ao lado de seu trono e, levantando a tampa, mostrou a Exu um grande tesouro composto de muito ouro, pérolas e pedras preciosas de todos os tipos.

– Vai! – comandou a senhora. – Sirva-te à vontade!

– Calma, Senhora do Ouro! Não é este o meu preço! – disse Exu.

– Não? – espantou-se Oxun. – E qual é o teu preço, afinal?

– Todos os ebós que forem determinados pelo Oráculo que te estou entregando, do qual serei o mensageiro e o interlocutor! – sentenciou Exu. – Estou te passando um novo sistema de adivinhação, diferente daqueles utilizados por Orunmilá. Desta forma ele não poderá acusar-me de roubo. Tu e teus seguidores adivinharão por intermédio do jogo de búzios, interpretando apenas os 16 Odus Meji. E serei eu, e somente eu, quem poderá falar neste jogo. Aceitas minhas condições?

Certa de que não haveria tempo para mais nada, Oxun resolveu aceitar, embora se sentisse lograda.

Desta forma, foi inventado o jogo de búzios, que pode ser acessado pelos seguidores do culto dos Orixás, ao passo que o opelê e o ikin são jogos de uso exclusivo dos sacerdotes de Orunmilá.

Copyrighted material

Hidden page

Hidden page

Iansã, rapidamente, tratou de fazer o seu ebó e em pouco tempo adquiriu poderes semelhantes aos do seu esposo.

Quando Xangô descobriu que sua mulher havia adquirido um poder igual ao seu, ficou furioso e começou a maldizer Exu por haver proporcionado tamanho poder a uma simples mulher.

Humilhada, Iansã procurou Exu, para que desse um paradeiro no impasse criado. Exu determinou então que, a partir daquele dia, a voz de Xangô soaria como o trovão e que provocaria incêndios onde ele bem entendesse, mas, para que isto pudesse acontecer, seria necessário que Iansã falasse primeiro, para que o fogo de suas palavras (os raios) provocassem o surgimento do som das palavras de Xangô (o trovão), assim como o fogo que elas produzem sobre a Terra (os incêndios provocados pelos raios que se projetam sobre a Terra).

É por este motivo que, até hoje, não se pode ouvir o ribombar do trovão sem que antes um raio ilumine o céu.

Este foi o castigo imposto por Exu a Xangô, por gostar de humilhar sua mulher.

Copyrighted material



O milho

Quando o milho chegou à África, oriundo do continente americano, um certo lavrador assumiu o seu total monopólio.

O rico fazendeiro, dono de muitas terras, transformou todas as suas propriedades em campos de milho, reservando apenas uma pequena área onde criava galinhas e porcos.

Toda a sua produção era por ele mesmo beneficiada; torrava e moía o milho que produzia e mantinha severa vigilância sobre seus empregados para que nenhum grão de milho seco saísse de sua propriedade, evitando assim que outros lavradores pudessem também fazer plantações do dourado grão.

O monopólio estabelecido fez com que sua fortuna aumentasse consideravelmente e, como quase sempre acontece, com a fortuna cresceu também a sua ganância.

Copyrighted material

Guardas fortemente armados vigiavam as entradas e saídas de sua fazenda e seus empregados eram obrigados a trabalhar inteiramente despidos, para que não escondessem, em suas roupas, grãos de milho que pudessem ser semeados em outras terras.

Seus preços eram exorbitantes e aumentava-os sempre que assim achava conveniente, o que acabou por causar um grande descontentamento entre os moradores da região que, sentindo-se explorados de forma cruel, foram procurar Exu para dar um jeito na situação, que já se tornara insuportável.

– Não podemos abrir mão do consumo do milho! – disse o representante do povo a Exu. – Tornou-se, junto com o inhame, a base de nossa alimentação e da alimentação dos animais que criamos.

– Quer dizer então... – disse Exu – ...que o tal fazendeiro não permite que ninguém plante milho fora de suas propriedades?

– Sim! É verdade! – confirmou o queixoso. – Além disso, cobra preços altíssimos pelo seu produto, o que está nos levando à miséria! Tudo o que ganhamos em nossas atividades acaba indo parar em seus bolsos!

– Sim! Eu posso ajudá-los a conseguir sementes para fazerem suas próprias plantações – afirmou Exu sem muito pensar.

– Mas é tudo o que queremos! – respondeu o homem já aliviado. – O que precisamos fazer?

– Tragam-me sete galinhas que tenham sido compradas, logo pela manhã, na fazenda do tal homem – respondeu Exu.

– Mas por que havemos de comprar nas mãos dele se possuímos, nós mesmos, boas criações de galinhas? – perguntou, espantado, o representante.

– Queres que eu resolva o problema? – perguntou Exu.

– Sim! – respondeu o outro.

– Pois então faça o que estou mandando! Exatamente o que estou mandando! Quero sete galinhas da fazenda do tal agricultor, e que

Copyrighted material

Hidden page

Hidden page

Hidden page

– Não temas! – disse Exu ao moribundo. – Aqui estou para livrar-te das garras da morte!

– Ainda bem que vieste – balbuciou o infeliz. – Ikú já ronda a minha casa e não demorará muito me pegar e levar-me para Ló.

Neste momento Ikú irrompeu pela porta e, ameaçadoramente, colocou-se diante do leito do enfermo.

– Alto lá! – bradou Exu para a morte. – Não vês que estou presente e que a minha presença obriga-te a uma negociação? Este homem já fez tudo o que lhe foi determinado para preservar a própria vida e, assim sendo, não poderás levá-lo sem qualquer chance!

– Mas tenho ordem de carregá-lo agora e bem sabes que não costumo perder uma viagem! – respondeu Ikú.

– Muito bem! – disse Exu. – Sei que não podes perder viagens nem tempo mas, como o homem cumpriu com suas obrigações, merece uma chance de permanecer um pouco mais no Ayê. Esta é a regra!

– Sim! – respondeu a morte. – Esta é a regra. Mas para que sobreviva é necessário que seja aprovado no teste que tu mesmo deverás fazer!

Exu sabia que o que Ikú afirmava era a mais pura verdade. Precisava, agora, fazer algumas perguntas ao homem, que só ficaria livre da morte respondendo de forma satisfatória.

E Exu começou logo o interrogatório.

– Diga-me então, bom homem, que motivos terias para permanecer vivo?

– Trabalhei muito durante toda a minha vida. Economizei como poucos e, desta forma, amealhei riqueza considerável. Não seria justo que, agora que me dispunha a usufruir o fruto do meu trabalho, fosse arrebatado pela morte.

– Onde estão teus filhos? – indagou Exu.

– Não tenho filhos! – respondeu o homem. – Nunca os tive! Afinal de contas, para que servem os filhos se não para dar despesas e preocupações?

– E tua mulher, objeto do teu amor, onde está? – perguntou Exu.

Copyrighted material

– Não tenho mulher. Jamais quis saber de ter uma em minha companhia! Afinal de contas as mulheres são exigentes e custam muito caro – retrucou o infeliz.

– Teus amigos, onde estão? – continuou o Orixá.

– Amigos? Para que servem os amigos? – respondeu o doente. – Amigos só servem para nos explorar. Para comerem o fruto do nosso trabalho!

– E teu cão, onde está agora? – perguntou Exu.

– Não possuo um cão – disse o homem. – Afinal de contas eles só servem para que tenhamos que dividir com eles o nosso alimento.

– E uma planta de estimação? – perguntou Exu. – Nem isto possuis?

– De estimação? Não! Possuo muitas plantas em minha lavoura mas, se elas não produzirem frutos que possam ser convertidos em dinheiro, corto-as imediatamente para desocuparem espaço em minhas terras! – exclamou o condenado.

– E o que mais amas, onde está? – voltou a indagar Exu, observando o sorriso de satisfação que se desenhava no rosto de Ikú.

Um brilho diferente surgiu nos olhos embaçados do moribundo, que, sem hesitar, respondeu apontando para um canto do quarto:

– Naquele porrão de barro! Ali está o que mais amo neste mundo. O dinheiro, as jóias e o ouro que acumulei em tantos anos de trabalho e sacrifícios!

Virando-se para Ikú, Exu sentenciou:

– Podes levá-lo, Ikú! Este homem já estava morto muitos anos antes de vires buscá-lo!

Exu, então, caminhou em direção à porta, onde estancou e, sem sequer virar para seus interlocutores, recomendou:

– Ah! Não te esqueças, Ikú, de levar também o tesouro que este infeliz acumulou em sua estada sobre a Terra. Afinal de contas, é tudo o que aprendeu a amar em sua cobiça irracional!

Copyrighted material

Glossário

Aború, boiye Saudação que se faz aos sacerdotes de Ifá e ao Orixá Orunmilá. É desta forma que os seguidores do culto de Orunmilá saúdam-se mutuamente. A resposta é: "Boxixê, oh!"

Ayê O mundo espiritual habitado por Olórum, pelos Orixás e por toda sorte de espíritos benfazejos. A concepção é quase idêntica à do céu metafísico dos cristãos.

Ajé Espíritos malignos, do sexo feminino, praticantes da feitiçaria.

Arará Nome dado aos povos fon, na região do Caribe. O mesmo que "jêje" no Brasil.

Awo O mesmo que babalaô. Adivinho. Segredo.

Awo Fákan Primeiro grau na iniciação dos sacerdotes de Orunmilá – Primeira mão de Ifá.

Babá Pai, papai, avô, ancestral do sexo masculino. Título honorífico com o qual os adeptos do culto se referem aos seus mais velhos e às entidades sagradas do sexo masculino.

Babalaô Sacerdote do culto de Orunmilá – O pai que possui o segredo.

Bico-de-lacre Pássaro canoro da família dos fringilídios, cinzento, de bico vermelho, originário da África e muito comum no Brasil.

Boxixê, oh! Ver *Aború, Boiyê*.

Cataléptico Referente à catalepsia, doença cerebral intermitente, caracterizada pela suspensão mais ou menos completa da sensibilidade externa, dos movimentos voluntários. Provoca uma rigidez muscular que se assemelha, em muito, à rigidez cadavérica. Estado aparente de morte. Do grego: *Katalepsis* = surpresa.

Caurí Búzio Na antigüidade os búzios foram utilizados como moeda.

Ebó Sacrifícios e oferendas, de todos os tipos, oferecidos aos Orixás, Eguns etc.

Copyrighted material

Efun Calcário branco utilizado em pinturas e na liturgia do culto aos Orixás. Giz branco. Pó, farinha ou pemba brancas.

Egun Espírito humano desencarnado; Esqueleto; Osso; Cadáver.

Etú Galinha d'angola. Galinha da guiné.

Ifá Ver *Orunmilá.*

Ile Ifé Capital espiritual da nação yoruba. Em Ile Ifé, Odudúa teria fundado o planeta Terra.

Ilú Um tipo de tambor cujo corpo tem a aparência de um pilão, estreito no meio e mais largo nas extremidades onde se colocam os couros.

Iporí Entidade hierarquicamente superior aos Orixás manifestada em cada ser humano de forma individualizada. Iporí seria, numa análise mais profunda, a presença de Olodumare em cada um de nós.

Iroko Árvore sagrada no culto dos Orixás que representa, ela mesma, o Orixá de mesmo nome, de origem fon e conhecido entre este como "Loco".

Itãs de Ifá Versos e cânticos que contêm os ensinamentos inerentes ao culto de Orunmilá e por extensão a todas as formas de culto da tradicional religião africana.

Iabá Velha mãe, respeitável anciã. Tratamento respeitoso usado em referência a todos os Orixás femininos.

Iamí Ajé Minha Mãe Feiticeira. Característica de todas as Orixás femininas inerente ao poder de procriar segundo determinação contida no Odu Osá Meji.

Iamí Oxorongá A Senhora do Pássaro Oxorongá. Feiticeira por excelência, Iamí Oxorongá é a chefe de todas as Ajés, bruxas e feiticeiras ou sua representação coletiva.

Epa hei! Saudação que se faz a Iansã.

Ierosum Pó extraído da madeira da árvore denominada "Baphia Nitida" pela ação dos cupins, e utilizado nas adivinhações e outros procedimentos litúrgicos no culto de Orunmilá.

Laroiê Saudação feita ao Orixá Exu que teria a propriedade de incitá-lo.

Copyrighted material

Obatalá Princípio masculino da criação. A primeira manifestação individualizada de Olodumare, o Grande Deus.

Odu Figuras do sistema oracular de Ifá. Os Odus são 256, sendo que 16 deles, considerados como principais ou básicos, dão surgimento, ao se acoplarem, a outros 240, denominados Omó-Odus ou Amulús. Os 16 Odus principais são, de acordo com sua ordem de chegada:
Ogbe Meji – Oyeku Meji – Iwori Meji – Odi Meji – IrOssun Meji – Owónrin Meji – Obara Meji – Okanran Meji – Ogunda Meji – Osa Meji – Iká Meji – Oturukpon Meji – Otura Meji – Irete Meji – Oxe Meji – Ofun Meji.

Odudúa Princípio feminino da criação. Odudúa, a Grande Mãe, seria a irmã mais nova, esposa e contraparte de Obatalá.

Ogbe Meji O primeiro e mais velho dos Odus de Ifá. É do sexo masculino e está ligado ao ponto cardeal leste. Representa o nascer do Sol, o surgimento da vida e a própria vida.

Opelê Rosário utilizado pelos sacerdotes de Orunmilá durante as consultas ao oráculo. Corrente divinatória.

Olodumare Um dos nomes ou títulos da Divindade Suprema. Deus.

Olofin Um dos nomes de Deus. O Supremo Criador.

Oluô Olhador do oráculo; o mesmo que Babalaô.

Oponifá Tabuleiro de madeira, redondo ou retangular, usado para se marcarem os Odus, durante as consultas ao oráculo de Ifá.

Orunmilá Deus da adivinhação e da sabedoria, patrono do oráculo de Ifá.

Ossun Tintura vermelha de origem vegetal usada liturgicamente e como cicatrizante.

Otí Aguardente, bebida alcoólica.

Oxe dudu Sabão preto.

Oxo Feiticeiro, bruxo, guerreiro a serviço das Ajés.

Oyeku Meji O segundo Odu do sistema de Ifá. Ao contrário do seu irmão Ogbe Meji, é feminino, está ligado ao ponto cardeal Oeste. Representa a noite, o pôr-do-Sol, as trevas e a morte.

Copyrighted material

Hidden page

Hidden page



Este livro foi composto na tipologia Myriad no corpo 10,5 e entrelinha 16. Para os títulos, foi utilizada a tipologia GoodDogCool no corpo 25. Impresso em papel off set 75 g/m². A capa foi impressa no papel triplex 250 g/m² com aplicação de verniz e acabamento em laminação fosca.





Copyrighted material



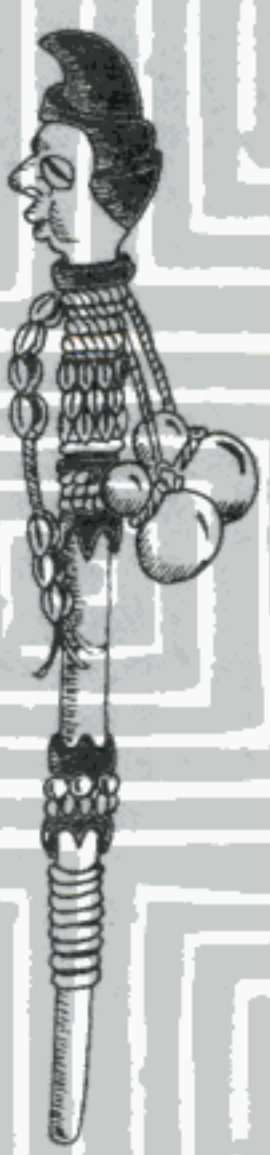
Apoio
CENTRO DE ESTUDOS DA CULTURA AFRO-AMERICANA
Email: ogbebara@hotmail.com

Hidden page

Hidden page

Copyrighted material

Copyrighted material



Deus dos desvalidos, protetor de ladrões, arruaceiro, saltimbanco e mágico por excelência, assim é Exu, que só é coerente com sua própria incoerência e cuja fúria se aplaca com facilidade, mas que não conhece o perdão nem a piedade.

Simpático, moleque, zombeteiro, arrogante, malicioso mas, acima de tudo, dotado de um senso de justiça muitíssimo particular, este é Exu, o poderoso Exu.

E é assim que, de uma forma descontraída, despretensiosa e – por que não dizer? – divertida, poderá o leitor conhecer melhor o caráter e o poder de Exu, o Grande Deus Negro.

ISBN 85-347-0384-1





Copyrighted material